

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

**OS VÍNCULOS SONOROS NO AMBIENTE COMUNICACIONAL
DO PODCAST *MAMILOS***

Leonardo Costa Souza

São Paulo

2019

LEONARDO COSTA SOUZA

**OS VÍNCULOS SONOROS NO AMBIENTE COMUNICACIONAL
DO PODCAST *MAMILOS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Linha de Pesquisa “Tecnologia, Organizações e Poder” da Faculdade Cásper Líbero (FCL/SP), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de O. Menezes.

São Paulo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Souza, Leonardo Costa

Os vínculos sonoros no ambiente comunicacional do Podcast Mamilos /
Leonardo Souza Costa. -- São Paulo, 2019.

84 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero,
2019.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes.

1. Ambientes comunicacionais. 2. Cultura do Ouvir. 3. Vínculos sonoros.
4. Podcast Mamilos. 5. Jornalismo. I. Menezes, José Eugenio de Oliveira. II.
Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

CDD 302.2344

Bibliotecária responsável: Ana Maria Pereira da Silva - CRB 8/9086

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: LEONARDO COSTA SOUZA

"OS VÍNCULOS SONOROS NO AMBIENTE COMUNICACIONAL DO PODCAST
MAMILOS"



Profa. Dra. Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva
Universidade de Santo Amaro - UNISA



Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 12 de setembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Se adotarmos a escuta atenta como premissa, qual ser humano passa incólume por uma experiência sonora? O som me intriga desde que me conheço por gente. Tenho uma relação misteriosa com ele, uma espécie de acordo tácito marcado pela discrição. Sempre fomos amigos, quase cúmplices. Até no silêncio nos buscávamos. Mas nosso diálogo nunca foi tão rico, franco e aberto como nos últimos dois anos, durante esta pesquisa que buscou compreender o ambiente sonoro do podcast *Mamilos*.

Como foi importante ter podido contar com a voz acolhedora e companheira do amigo — embora o protocolo sugira *orientador* — José Eugenio de Oliveira Menezes, ou Eugenio, apenas, como costume chamá-lo. As orientações tinham um ritual. “Vivo?”, ele perguntava. E, ao ouvir a resposta positiva, lançava um abraço forte, após o qual construía um ambiente horizontal, dialógico, marcado pela busca. Sempre terminávamos nossas reuniões com mais dúvidas que certezas. Certo era que, ao final, ele entoaria o bordão: “Coragem! Coragem!”. Sim! Tenhamos a coragem de nos vincularmos uns aos outros. A coragem de viver! Valeu, amigo!

Posso me sentir privilegiado por ter podido contar com o suporte da voz atenta e curiosa do Prof. Luís Mauro Sá Martino — a quem agradeço por transmitir com tanta luz o gosto pelo conhecimento — e com o amparo da voz sábia e afetiva da Prof.^a Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva — cuja generosidade transborda. Foi um prazer tê-los na banca. Agradeço também à voz empática de Maria Ribeiro que revisou cada página com a máxima atenção.

À voz responsável e comprometida de minha mãe, Claudia, à voz forte e exigente de meu pai, Washington, e à voz afinada e profissional de meu irmão, Raphael, obrigado. Vocês sempre ofereceram as melhores condições para que eu desse cada passo. À voz amável e sincera da minha namorada, companheira de vida, Alessandra, obrigado, especialmente, por compreender as razões pelas quais dediquei tanto tempo e propósito a esse mergulho acadêmico. À voz persistente e valente de minha avó, Julieta, gratidão pelo afeto constante. A senhora, mesmo quando desafiada pelo esquecimento, nunca esqueceu da gente. Mostrou que qualquer disfunção sucumbe às lembranças hospedadas na alma. Dedico este trabalho à senhora.

Agradeço ainda aos irmãos de ontem, hoje e amanhã, André e Carlos, presentes, mesmo quando não estão. Obrigado, ainda, Carlos Costa, Welington Andrade e Erik Pereira pelos ensinamentos e incentivos. E aos companheiros de Rádio Gazeta — que já foi AM e

hoje é online — obrigado por acreditarem, todos os dias, que o som pode amparar, preencher, edificar. Vincular. À voz silenciosa e constante de Deus, gratidão pelo sopro que se fez vida.

RESUMO

SOUZA, Leonardo Costa. **Os vínculos sonoros no ambiente comunicacional do podcast *Mamilos***. 2019. 84 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero: São Paulo, 2019.

A presente dissertação aborda o ambiente sonoro do podcast jornalístico *Mamilos* e destaca as principais características de seu processo comunicacional em meio à cultura do ouvir. Considerando o compromisso reforçado pelas apresentadoras, edição a edição, de que o programa é “um espaço de encontro” para “construir pontes” e não “provar pontos”, interessamos apreender o modo por meio do qual a premissa se expande e ampara uma comunicação que se pretende empática, dialógica, acolhedora e, assim, vinculadora — qual seja, reconhecedora, finalmente, da necessidade humana de estar-com para ser (CYRULNIK, 1999). Observar as noções jornalísticas encampadas pelo programa — no interior da atmosfera sonora que o circunda — é também uma hipótese de trabalho. Como referencial teórico, dialogamos sobre o ouvir e o som com Christoph Wulf, Paul Zumthor, José Eugenio Menezes e Júlia Lúcia Albano. Marcelo Kischinhevsky e Eduardo Vicente são referências sobre o podcasting. Vínculo e empatia foram investigados, em *Mamilos*, a partir de Boris Cyrulnik e Malena Contrera. Noções basilares sobre jornalismo foram tratadas a partir dos trabalhos de Cremilda Medina e Nelson Tranquina. A pesquisa percorre uma vertente fenomenológica com ampla observação do programa para uma provocação acústica dada pela audição dos podcasts. Foram ouvidos mais de 70 episódios entre o 1º semestre de 2017 e o 1º semestre de 2019. Buscou-se recortar os trechos mais estratégicos para o alcance dos objetivos aqui expostos. Também foi ouvida Juliana Wallauer, uma das apresentadoras do programa, sobre as características fundamentais, os limites e as possibilidades do podcast. Norteados por uma modalidade de comunicação dialógica, *Mamilos* encampa uma atmosfera vinculadora, cuja relevância e força talvez residam na capacidade que o programa tem de se contrapor ao que Boris Cyrulnik identificou com a aflição disparada pelo avanço da tecnologia digital e da conexão técnica: a de “afetivar” mundos frequentemente “desafetivados”.

Palavras-chave: Ambientes comunicacionais. Cultura do ouvir. Vínculos sonoros. Podcasting. Jornalismo. *Mamilos*. Podcast.

ABSTRACT

SOUZA, Leonardo Costa. **The sound bonds in the communication environment of the Podcast Mamilos**. 2019. 84p. Dissertation (Masters in Communication). Faculdade Cásper Líbero: São Paulo, 2019

This research presents reflections on the sound environment of the journalistic podcast *Mamilos* in an attempt to understand the main characteristics of its communication process related to the culture of Listening (MENEZES, 2012; 2016). Considering the presenters' forceful commitment, carefully repeated in every edition, to ensure that the program be "a meeting place", where what matters is to "build bridges" and not to "prove points", we focused on understanding how this premise expands and supports an empathic, dialogic, welcoming and, thereby, binding form of communication – one that recognizes the need for human beings to "be with" as a means of "being" (CYRULNIK, 1999). This research also targets at reflecting on the journalistic approach embraced by the program within the sound atmosphere that surrounds it. As theoretical reference, we dialogued with Christoph Wulf, Paul Zumthor, José Eugenio Menezes and Júlia Lúcia Albano about the concepts of Listening and Sound. Marcelo Kischinhevsky's and Eduardo Vicente's views supported our reflections upon podcasting. Bonding and Empathy were investigated in *Mamilos* from Boris Cyrulnik's and Malena Contrera's perspectives. Some basic notions about journalism were based on Nelson Traquina's and Cremilda Medina's assumptions. This research followed a phenomenological line with broad observation of the program for an acoustic provocation provided by listening to the podcasts. More than 70 episodes, from the first half of 2017 to the first half of 2019, were listened and scrutinized to select the most strategic stretches for the purposes here exposed. We also talked to Juliana Wallauer, one of the podcast's hosts, about the essential features, limits and possibilities of *Mamilos*. Guided by a dialogic form of communication, *Mamilos* embodies a binding atmosphere whose relevance and strength may lie in the program's ability to contextualize what Boris Cyrulnik has identified with the intense advance of digital technology and technical connection: "affect" worlds often "unaffected".

Keywords: Communicational environments. Culture of listening. Linking sound. Podcasting. Journalism. *Mamilos*. Podcast.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. DA SOCIEDADE ARCAICA AO PODCASTING: AS RAÍZES DE MAMILOS	16
1.1 Cultura do ouvir e <i>Mamilos</i> : uma relação complementar	16
1.2 O rádio, a linguagem radiofônica e as suas interfaces com o programa <i>Mamilos</i>	21
1.3 Podcasting, podcast e o modelo de distribuição de <i>Mamilos</i>	25
2. A CONSTRUÇÃO DE PONTES EM MAMILOS: O DIÁLOGO E A EMPATIA COMO PREMISSAS	33
2.1 Uma exceção para compreender a regra: a missão de <i>Mamilos</i>	33
2.2 A busca pelo diálogo no ambiente comunicacional de <i>Mamilos</i>	38
2.3 Ouço, sinto e me coloco em seu lugar: a empatia em <i>Mamilos</i>	43
3. MAMILOS: JORNALISMO DE PEITO ABERTO	52
3.1 Jornalismo e <i>Mamilos</i> : possíveis reflexões	52
3.2 Entre conexões e vínculos: <i>Mamilos</i> e os ouvintes num espaço de encontro	59
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS	68
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE	74

No homem, a palavra, assim que percebida enquanto sonoridade, evoca, sem qualquer precisão, uma representação intensamente ouvida, sentida [...].

Boris Cyrulnik

INTRODUÇÃO

Em que medida estamos atentos ao que ouvimos? Estamos sabendo ouvir a nós mesmos? E ao outro? Essas perguntas resistem ao tempo, mas o atual cenário da comunicação tem fortalecido a pertinência delas. Os exemplos mais latentes talvez sejam as redes sociais digitais, espaços em que velocidade, agilidade e instantaneidade apresentam-se como premissa, a qual traz desdobramentos para o trato da informação e para a própria dinâmica das relações humanas ali inseridas (RECUERO, 2009). Para além das redes sociais, ou mesmo do ambiente digital como um todo, a polarização, o dualismo, o reducionismo. A persistência de um pensamento binário incapaz de apreender a complexidade que nos é constitutiva. Os tempos difíceis, de retórica verborrágica, temperados por discursos de ódio, têm livre trânsito nas crises do Estado Democrático de Direito no Brasil e no mundo.

Ao transpor o raciocínio para a imprensa, como desprezar a turbulência de credibilidade pela qual passa a comunicação jornalística? Neste terreno, as notícias falsas são disseminadas e, ao avançarem, desnudam as paixões daqueles que com elas concordam ou discordam. Diante desse quadro, aparentemente caótico, um olhar propositivo, essencialmente humano, não só deve buscar subsídios para refletir criticamente a respeito, como também propor caminhos, saídas, alternativas. Num mergulho mais profundo, que viabiliza o trânsito de valores humanos universais, parece-nos imprescindível compreender o modo pelo qual a ausência de empatia, alteridade e cooperação contribui para o agravamento daquelas questões. Embora o recorte aqui previsto não tenha por fim aprofundar uma a uma as provocações lançadas — que, por si, já implicariam novas dissertações —, a presente pesquisa quer propor uma reflexão que contribua, à sua maneira, para uma atmosfera mais equilibrada em que a diferença possa ser vista como possibilidade dialógica (FLUSSER, 1983).

Se entendermos o ouvir como um sentido próprio do corpo e da sua capacidade de ser e estar no mundo — legítima possibilidade de construção de sentidos — a comunicação pode contribuir em grande medida para a compreensão dos seus desdobramentos, tal como acredita Dietmar Kamper¹. Sobretudo, se considerada a natureza potencialmente vinculadora das trocas comunicacionais, isto é, a capacidade de construção de ambientes afetivos (MENEZES, 2007). Passamos a considerar o estudo do ambiente sonoro como ponto de inflexão,

¹ Dietmar Kamper (1936-2001) foi um pensador alemão de destaque nos estudos relacionados ao corpo e à imagem, a partir de áreas como educação física, sociologia e filosofia. Deixou contribuições relevantes para o pensamento crítico a respeito da hipertrofia da visão num contexto marcado pela quantidade excessiva de imagens. Foi professor do Instituto de Sociologia e fundou o Centro Interdisciplinar para Antropologia Histórica na Universidade Livre de Berlim.

abandonando, para tanto, o pensar funcionalista, instrumental. Deitamos ênfase sobre o fato de que cada ser humano é um corpo aberto que se deixar tocar pelos matizes afetivos inscritos em ambientes comunicacionais.

Assim, um corpo que ouve está amparado porque se vincula aos outros corpos que ouvem, porque seu tempo é partilhado com os tempos dos outros corpos, porque seu sentimento de pertencer a um corpo social é referendado sonoramente, é sonoramente sincronizado (BAITELLO *in* MENEZES, 2007, p.13).

Nesse sentido, a cultura do ouvir (MENEZES, 2012; 2016) nos convida a refletir sobre o som e sua capacidade de envolver, articular e tocar os corpos; sugere-nos ampliar o leque da sensorialidade, considerar os sentidos para além da visão — cuja hipertrofia determina um número expressivo de ambientes de comunicação. Não se trata de superestimar o ouvir, nem sobrepor essa habilidade às outras capacidades humanas, mas reconhecer — a partir de uma perspectiva dialógica com os outros sentidos — que as marcações sonoras reverberam dentro de nós já no ventre materno, auxiliam a localização dos corpos no interior dos espaços, ajudam os sujeitos a se situarem, *repotencializam*, por fim, a capacidade de vibração humana em contextos comunicacionais. A voz, bem como a produção sonora que dela decorre, desempenha papel central nesse contexto.

Bem-vindos ao *Mamilos*. Nosso encontro semanal pra expandir mente e coração, explorando visões, experiências e abordagens diferentes pra temas polêmicos — sempre com empatia e respeito. Eu sou a Ju Wallauer e esse é nosso espaço de encontro (MAMILOS, 2018, Episódio 158, 00:22-00:40).

E é fazendo uso da própria voz que Juliana Wallauer — uma das apresentadoras, ao lado de Cris Bartis — inaugura a edição 158 do podcast² *Mamilos*, programa jornalístico, de periodicidade semanal, distribuído por meio do podcasting, que seleciona temas polêmicos e jornalisticamente relevantes para convidar pessoas que pensam diferente a ocuparem um mesmo espaço sonoro. Numa oportunidade de troca, convivência, respeito ao contraditório e à divergência — premissas editoriais do programa — encampa-se uma escuta atenta ao outro.

Para uma apreciação acústica bem amparada do podcast, somaram-se às ideias de Eugenio Menezes e Norval Baitello Júnior, as de Christoph Wulf, Júlia Lúcia Albano e Paul Zumthor. Suas reflexões nos oferecem suporte para pensar também voz e oralidade. Com isso,

²Neste trabalho, o termo *podcasting* será empregado quando se quiser abordar ou designar a prática de produção de conteúdo operante dentro desse modelo de distribuição de arquivos. O termo *podcast* será destinado aos programas, episódios ou edições.

foi possível a construção de uma ponte teórica firme, sólida e segura, ainda que suficientemente instigante, para refletir criticamente sobre *Mamilos*.

Tradições históricas múltiplas confirmam a simbologia da ponte: lugar de passagem e de prova. Mas elas lhe dão uma dimensão moral, ritual e religiosa. Aprofundando esse direcionamento da análise, poder-se-ia dizer que a ponte simboliza uma transição entre dois estados interiores, entre dois desejos em conflito: pode indicar o resultado final de uma situação de conflito. É preciso atravessá-la; fugir à passagem nada resolveria (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017, p.730).

E foi em meio a travessia, passo a passo, como pesquisador, que a curiosidade e a inquietude afloraram em mim. A cada nova edição do programa, conforme se ampliava a bagagem teórica, mais questões surgiam. Era só o começo. Inserido na linha de pesquisa *Tecnologia, Organizações e Poder*, articulado no contexto do Grupo de Pesquisa *Comunicação e Cultura do Ouvir*, este trabalho mergulha no ambiente sonoro do podcast jornalístico *Mamilos* para compreender as principais características de seu processo comunicacional. Investigamos o potencial vinculador da atração, considerando o compromisso, reforçado pelas apresentadoras, do programa, com “um espaço de encontro” norteado pela construção de pontes e não pela defesa de pontos.

O primeiro capítulo desta dissertação faz um convite às raízes do podcast *Mamilos*, relacionando-o com a natureza do som e da cultura do ouvir. Para apoiar as noções de podcast e podcasting, dialogamos, principalmente, com as ideias de Eduardo Vicente e Marcelo Kischinhevsky e, sob o ponto de vista epistemológico, consideramos as contribuições de Ana Luiza Couto e Luís Mauro Sá Martino.

No segundo capítulo, tendo por principal referencial teórico o etólogo Boris Cyrulnik, aceitamos o desafio de observar *se e de que modo* a premissa da pluralidade e do espaço de acolhida ao outro, pontuada no início de cada edição, ampara uma modalidade de comunicação pretensamente empática, dialógica e vinculadora; reconhecedora, por sua vez, da necessidade do ser humano de estar-com para ser (CYRULNIK, 1999). Nesse sentido, também foi considerado o panorama erguido por Malena Contrera. A partir de Cyrulnik, entenderemos o ser humano como um indivíduo poroso, desejoso de vínculos, obrigatórios e constitutivos. “Fundir-se no meio-ambiente, na massa ou nos braços de um outro adquire um efeito tranquilizante para o sujeito atemorizado e um valor de sobrevivência para a espécie” (CYRULNIK, 1997, p. 115). A noção de empatia também passou pelas considerações de Cyrulnik e de Malena Contrera.

Para refletir sobre as noções jornalísticas encampadas pelo programa — dentro da atmosfera sonora que o circunda e a partir do que o próprio programa revela como jornalismo — viu-se a exigência de um terceiro capítulo. Após o diálogo proposto com os referenciais teóricos mencionados, nasce o diálogo com uma das apresentadoras, Juliana Wallauer, que nos ofereceu um diagnóstico bastante particular sobre a equipe que a cerca. Discutimos, por último e com mais ênfase, os critérios jornalísticos assumidos, os valores fundadores do projeto e o modo por meio do qual se deu a busca por um ambiente receptivo, harmônico e acolhedor.

A pesquisa seguiu vertente fenomenológica, assentando-se sobre a ampla observação do fenômeno e daquelas características que nunca se apresentam separadas, mas simultâneas. Pusemo-nos *dentro* dos podcasts com o objetivo de nos deixar atravessar pela experiência acústica ela mesma. Foram ouvidos mais de 70 episódios entre o 1º. semestre de 2017 e o 1º. semestre de 2019. Buscou-se recortar os trechos mais adequados para o atendimento das questões aqui expostas, com atenção especial para passagens em que as apresentadoras dividiam com o público as qualidades, os critérios e as preocupações em relação ao programa e ao jornalismo; momentos quase metalinguísticos em que *Mamilos* dobrava atenção sobre si mesmo.

Estivemos comprometidos com um mergulho denso, profundo e gregário, disposto a oferecer, nas páginas que se seguem, um ambiente receptivo análogo àquele que a pesquisa encontrou quando em diálogo com *Mamilos*. Esperamos, ao final, que a trajetória aqui exibida contribua para as reflexões sobre a escuta atenta do outro — debate que assume a primeira ordem do dia desde tempos remotos, em razão de definir as balizas das relações humanas. Aproveitando as palavras de Juliana Wallauer, durante a abertura do programa de número 100: “Se é a sua primeira vez no ‘bonde da polêmica’, relaxa o ombrinho, aqui não é espaço para provar pontos, o que a gente quer é construir pontes. [...] Deixa a ‘lacração’ na porta e vem com curiosidade, de coração e mente abertos (MAMILOS, 2017, episódio 100, 00:32 – 00:56)”.

Vamos?

A voz é uma forma arquetipal, ligada para nós ao sentimento de sociabilidade. Ouvindo uma voz ou emitindo a nossa, sentimos, declaramos que não estamos mais sozinhos no mundo.

Paul Zumthor

1. DA SOCIEDADE ARCAICA AO PODCASTING: AS RAÍZES DE MAMILOS



FIGURA 1. Da esquerda para a direita, as apresentadoras Juliana Wallauer e Cris Bartis reunidas à identidade visual do programa - em primeiro plano (MAMILOS, 2019).

1.1. Cultura do ouvir e *Mamilos*: uma relação complementar

Não se trata de superestimar o poder do som, mas de ir ao encontro das raízes da comunicação para dimensionar a relevância da escuta. Não se trata de subestimar a cultura do ver ou desqualificá-la. Mas constatar que, diante da hipertrofia do olho, do constante apelo visual da sociedade contemporânea e da proliferação intensa de imagens numa velocidade nunca antes notada, a cultura do ouvir (MENEZES, 2012; 2016) se assume como força de resistência. Sua dinâmica e seu funcionamento nos impelem a questionar: “o cultivo do ouvir pode enriquecer os processos comunicativos, hoje muito limitados à visão? O cultivo do ouvir pode nos ajudar a viver melhor num mundo marcado pela abstração?” (MENEZES, 2008,

p.114). Investigar a cultura do ouvir é uma oportunidade epistemológica, ocasião suscitadora de importantes reflexões sobre os processos comunicacionais.

Por isso, a cultura do ouvir pode se apresentar como uma bússola para identificar — melhor dito — para compreender o enredamento dentro do qual nos encontramos durante os processos de comunicação — seja nas relações cotidianas ou em contextos diversos. Sob outro ângulo, pode-se constatar que a cultura do ouvir nos aproxima das raízes dos processos comunicacionais e da natureza humana, na medida em que volta a atenção para a audição como aspecto basilar da existência.

Como sabemos que a recepção do som é um processo que atinge toda nossa pele, especialmente o tímpano, podemos dizer que todo som é um tipo de massagem que nos conforta ou nos impulsiona. Massagem que nos coloca no tempo e no espaço, nos permite compreender o corpo como mídia primária³, vinculado a outros corpos (MENEZES, 2007, p.35).

Eis a linha de trabalho assumida por Christoph Wulf, integrante do Centro Interdisciplinar para Antropologia Histórica da Universidade Livre de Berlim. Os sentidos do ouvir e do movimento, sob o ponto de vista ontogenético, alerta Wulf, “[...] são os primeiros sentidos desenvolvidos. A partir da idade de quatro meses e meio, um feto é capaz de reagir a estímulos sonoros” (WULF, 2007, p.57). O autor atenta, ainda, para a retroatividade do ouvir, isto é, aquele que fala, ouve a si mesmo. E como a fala e o ouvido se retroalimentam e, reciprocamente, potencializam-se, aquele que fala consegue seguir-se, ou seja, perceber-se em meio àquela retroatividade. Wulf, além de defender que o ouvir estabelece mediação entre a percepção do mundo e a construção de sentidos, considera que os sons compõem um organismo vivo capaz de sofrer mutações históricas, sociais, geográficas — basta pensar na sonoridade encontrada no universo rural e naquela referente à Revolução Industrial, por exemplo.

³ O cientista político e jornalista Harry Pross (1923-2010) desenvolveu uma classificação dos *Media* considerando que os processos de comunicação sempre têm o corpo como início e fim, sendo ele — o corpo — elemento fundamental, superior a qualquer meio que venha a ser utilizado. Nesse contexto, há três tipos de comunicação possíveis: comunicação primária, ou os meios primários, os meios secundários e os meios terciários (PROSS, 1987). A comunicação primária é aquela que requer a presença de um determinado tempo e espaço compartilhado pelos corpos envolvidos na troca. É nessa modalidade presencial que recursos corporais como a voz, a gestualidade, os odores e os movimentos se fazem presentes. Na comunicação secundária, o corpo passa pela expansão do tempo e do espaço, na medida em que consegue registrar e perpetuar sua marca por meio de suportes materiais — madeira, papel, outros —, sem que a presença física se faça necessária. E os meios terciários, cujo surgimento dependeu da eletricidade e de aparelhos que transmitissem instantaneamente mensagens para aparelhos similares ou apresentassem mensagens gravadas, decodificáveis por aparelhos similares; o que significa desenhar um arco que parte do telefone em direção a comunicação mediada por computadores.

Boris Cyrulnik (1997), etólogo francês que se interessou pelos limites e possibilidades da natureza e da cultura humanas, também discorre sobre a percepção do feto acerca da sonoridade. Segundo ele, os ruídos e os sons produzidos no período de gestação — muitas vezes causados pelos deslocamentos da mãe — já são informações compreensíveis, cuja leitura se dá *sonoramente*. Isto é, ainda que se trate de um feto, o som o toca desde então. O autor ressalta, ainda, a palavra, cuja vida depende do som. Para Cyrulnik, a fusão palavra-som, desde a primeira experiência de existência, é um elemento estreitador de laços. “O bebê, no fim da gravidez, preferiria, claramente, a palavra da mãe que, tal qual uma carícia, entrasse em contato com seus lábios e as suas mãos para neles vibrar suavemente [...] É uma maneira de ‘provar’ a mãe quando a ouvisse” (CYRULNIK, 1997, p. 15).

Trata-se de um enquadramento constitutivo do som, cuja assimilação nos é estimulada desde os primeiros momentos da vida intrauterina. Som este que nos coloca diante de nós mesmos e do outro. Se para ouvir usamos o ouvido, não é ao ouvido que o ouvir está restrito. Dito de outra maneira, a função do ouvido não está limitada ao ouvir. Menezes nos ajuda a reconhecer a importância fisiológica do órgão que, para além da simples “leitura” dos sons, determina a estabilidade do corpo humano. “O ouvido, além de captar sons, isto é, perceber ondas de compreensão e rarefação propagadas através de um meio, também é responsável pelo sentido do equilíbrio” (MENEZES, 2007, p.34).

Retomando as contribuições de Christoph Wulf (2001), as revelações oferecidas pelo som são preciosas marcas do tempo histórico, colaborando com a busca por vestígios das fases vividas pela humanidade. O autor aponta, em consonância com a cultura do ouvir, a importância dos estudos sobre o som — seja por sua relevância nos processos comunicacionais, seja pela profundidade de suas raízes. “Mesmo os processos de crescimento de ervas, flores e de árvores podem tornar-se audíveis. Um estudo das transmissões mágicas, míticas e religiosas que concerne o caráter sonoro, tonal do mundo, assim como de seu timbre, com os questionamentos e instrumentos de hoje, promete resultados fascinantes” (WULF, 2007).

Considerados os processos comunicacionais contemporâneos, seus desdobramentos e elementos precedentes, devemos assumir a relevância não refutável da imagem para a compreensão do letramento humano. Fernanda Bruno, em seu livro *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*, apresenta-nos uma descrição bastante precisa daquilo que tentamos abreviar. Escreve Bruno (2013, p. 46):

Ao mesmo tempo em que a sociedade moderna fez dos indivíduos um foco de visibilidade dos procedimentos disciplinares, ela também os incitou e os excitou enquanto espectadores e observadores de toda uma cultura visual nascente, intimamente atrelada à vida urbana. Observadores estimulados e excitados pelo fluxo movente da vida e das paisagens modernas, pela aceleração dos ritmos e deslocamentos, pela complexificação da vida urbana, pelo advento de novos objetos e mercadorias, bem como pelas novas tecnologias de produção e reprodução da imagem (fotografia, cinema, estereoscópio etc.).

Como incentiva Menezes (2008), o diálogo estabelecido entre a cultura do ouvir e a do ver, desde que assentado no respeito mútuo, pode fortalecer um movimento de ir e vir entre as duas abordagens, um movimento de complementariedade. Mas é preciso reconhecer que as formas de comunicação sonora ainda não desfrutaram do mesmo esforço dedicado às transmissões visuais, identificando-se um descompasso entre o fácil acesso a imagens e o limitado acesso ao universo sonoro. “É possível que o aperfeiçoamento do tratamento do som, ao lado de exercícios concretos do ouvir no sentido mais estrito da palavra — ouvir as coisas e ouvir o outro - nos possibilite trânsitos também sonoros nos interstícios dos diferentes artefatos ou meios de comunicação” (MENEZES, 2008, p.115).

Um dos autores que se destacou por estudar a sonoridade foi Paul Zumthor. Importante medievalista, crítico literário, historiador da literatura e linguista suíço, o pensador se ocupou com a vocalidade, entre outras razões, impelido a investigar as possíveis relações entre a poesia medieval e as tradições orais. Suas reflexões flertam com a oralidade e a importância da voz como um dos pontos centrais da natureza humana. No caso do texto escrito, por exemplo, entende que uma afirmação não basta, não é suficiente. O essencial é “[...] o efeito exercido pela oralidade sobre o próprio sentido e alcance social dos textos que nos são transmitidos pelos manuscritos” (ZUMTHOR, 2000, p.14).

Por conta de sua formação, Zumthor nos dá a ver um panorama global dos temas selecionados. Não é a língua, especificamente, que lhe interessa, mas a voz, o suporte vocal da comunicação humana. A força da voz viva. Zumthor sublinha um “retorno forçado da voz” e faz alusão a uma “espécie de ressurgência das energias vocais da humanidade” em contraposição à hegemonia da escrita, mantida durante séculos por discursos proferidos pelas sociedades ocidentais (ZUMTHOR, 2000).

Num movimento antitético, novamente interessado no contraste didático entre o texto escrito e uso da voz para animá-lo, Paul ressalta que a escrita ainda pode ser mais ou menos econômica, dependendo do contexto em que ela estiver. Mas a poética da voz, jamais. A performance é fundamental para a recepção; que, para o autor, é o momento em que todos os

elementos são cristalizados em uma percepção sensorial, um engajamento do corpo. Nesse sentido, o uso da voz para a leitura performática das poesias é ilustrativo:

Por isso, tratando-se da presença corporal do leitor de 'literatura', interrogo-me sobre o funcionamento, as modalidades e o efeito (em nível individual) das transmissões orais da poesia. Considero com efeito a voz, não somente nela mesma, mas (ainda mais) em sua qualidade de emanção do corpo e que, em nível sonoro, o representa plenamente” (ZUMTHOR, 2000, p. 31).

Como entusiasta e conhecedor da poesia, Zumthor constata que até mesmo os verbos *falar* e *dizer* fazem referência ao texto literário. Pois estaria implícita a ideia — aqui e ali endossada — de que a página *fala, diz*. Ou, ainda, de que é possível para o leitor, ao se deparar com a produção escrita de determinado autor, aferir o tom de usado por aquele que escreve. “Essas são, sem dúvida, metáforas, e que parecem referir muito banalmente à oralidade. Penso que elas apelam mais a uma vocalidade sentida como presença, como estar para além de algo concreto. Essas expressões manifestam um sentimento confuso dos vínculos naturais entre a linguagem e a voz (ZUMTHOR, 2000, p. 96)”.

A relação entre voz e corpo — a ideia de se *anunciar* presente — é sublinhada na produção teórica de Paul Zumthor. O autor reitera que a voz é capaz de atravessar o limite do corpo, sem rompê-lo, apresentando-se para um sujeito como liberdade, como a possibilidade de não circunscrição espacial. Zumthor mapeia noções determinantes para se pensar a voz, dentre as quais, a materialidade que a caracteriza — traços descritíveis e interpretáveis —, sua possibilidade de se situar entre o corpo e a palavra, a noção geral de que a linguagem humana é associada à voz (e não o contrário, visto que a voz vem antes de qualquer diferenciação filogenética), e mesmo a magia, ou encantamento que a voz carrega porque, ao se dizer qualquer coisa, a voz se diz (ZUMTHOR, 2000, grifos nossos).

O ouvido e a cultura do ouvir, o som e sua relação com a ontogenética, a voz enquanto sonoridade própria e intransferível de um ser humano. São todas questões relevantes que a primeira seção do trabalho se propôs a apresentar, com o objetivo de discriminarmos uma primeira composição do terreno abaixo do qual estão as raízes para compreensão da proposta apontável no programa *Mamilos*. Dar um salto das sociedades arcaicas para o podcasting não é, exatamente, um deslocamento rápido. Considerado o paralelo entre *Mamilos* e os temas relacionados às primeiras experiências humanas, individuais ou sociais, para com o som — quando o ser humano começava sua jornada de ser e estar no mundo — é hora de avançarmos.

Apesar de o podcasting apresentar características próprias, ainda que não tão bem delimitadas — visto tratar-se de um fenômeno recente (COUTO; MARTINO, 2018), não podemos deixar de mencionar o rádio, menos sob uma perspectiva técnica, menos ainda sob o ponto de vista do consumo radiofônico, mas refletindo brevemente sobre a linguagem do veículo, assumindo uma perspectiva afinada com a referência do veículo para a produção de conteúdo sonoro. “Isto implica dizer que há uma presença ainda marcante dos traços da tradição oral arcaica na linguagem radiofônica que, juntamente com as características do veículo e com as peculiaridades da cultura latino-americana, se amalgamam para estruturar uma sintaxe ‘audiotátil’ (SILVA, 1999, p.43)”.

Eis o tema da próxima seção: a linguagem do rádio, meio que ressignifica noções de corporeidade e reconfigura os signos da oralidade desde a aproximação dos corpos pelo intermédio da voz performática, tão presente nas distantes narrativas das sociedades arcaicas.

1.2 O rádio, a linguagem radiofônica e as possíveis interfaces com o programa *Mamilos*

Parece-nos importante registrar que o presente trabalho reconhece o papel do rádio na relação com as identidades locais, regionais, nacionais — até mesmo transnacionais — numa perspectiva que considera a radiofonia como potencial ambiente de representação, de amadurecimento do imaginário de um povo, ambiente sonoro em que os sentidos são negociados. Essa premissa nos ajuda a compreender porque o veículo mantém sua relevância no interior do novo ecossistema midiático, com presença assegurada em novas plataformas de distribuição, circulação e consumo (KISCHINHEVSKY, 2016); apesar dos grandes desafios comerciais e orçamentários decorrentes da necessidade de reinvenção dos modelos de negócio radiofônicos, tema que foge do nosso escopo de pesquisa, mas merecedor de menção.

Pensar conceitualmente o rádio é tarefa dura em razão das constantes transformações tecnológicas e de conteúdo enfrentadas pelo meio. Por isso, coleciona-se vasta quantidade de definições, surgidas na mesma proporção em que o veículo foi mudando, adaptando-se, reinventando-se, sem mudar sua essência sonora (FERRARETO in KISHINHEVSKY, 2016). Podemos começar a pensá-lo a partir de um ponto de vista técnico, restrito aqui às transmissões hertzianas, isto é, ao AM/FM. Num tiro curto, ondas eletromagnéticas propagadas por diversas frequências através do espaço que transmitem mensagens sonoras a distância de um aparelho transmissor para um aparelho receptor (FERRARETO, 2007). Para além da técnica, uma reflexão atenta deve reconhecer a importância do meio cuja linguagem anuncia elementos importantes para a expressividade; o ritmo e a força da mensagem compartilhada com o ouvinte. Assumamos uma definição histórica, traçada por Rabaça e Barbosa, há mais de trinta anos. “Veículo de radiodifusão sonora que transmite programas de entretenimento, educação e informação. Música, notícias, discussões, informações de utilidade pública, programas humorísticos, novelas, narrações de acontecimentos esportivos e sociais, entrevistas e cursos são os gêneros básicos dos programas (RABAÇA e BARBOSA, 1987, p. 491)”.

Mais interessados no conteúdo radiofônico, pode-se considerar rádio aquele que transmite, de forma sonora, informações das mais variadas naturezas — jornalismo, entretenimento, serviços, música, publicidade (FERRARETO; KISCHINHEVSKY, 2010). E — ao avançar na perspectiva que não circunscreve o rádio à tecnologia de transmissão de ondas hertzianas, mas o enquadra por sua produção de sentidos — deve-se, ainda, convocar a ideia de *radiofônico*, do sociólogo argentino José Luis Fernández. Fernández aponta que “[...] a sociedade denomina rádio a um conjunto de textos sonoros, aos quais se atribui sentido,

distribuídos através de diversos procedimentos, mas que, basicamente, chegam ao ouvido através de alto-falantes e/ou fones” (FERNÁNDEZ apud KISCHINHEVSKY, 2016, p. 14).

Respeitada a noção de radiofônico, perguntamos: como devemos compreender a linguagem radiofônica? É preciso desenhar o cenário a partir do qual essa linguagem se desenvolve, dando especial atenção para o tempo que rege as produções e a rotina do rádio. É por isso que o processo entre a elaboração de uma mensagem para o rádio e a efetiva veiculação dela não pode desconsiderar as características indissociáveis entre meio e cultura circundantes. Isso se traduz numa produção intensa, em alinhamento com a natureza do veículo e com forma como o público o consome. Permeado por esse contexto, na articulação do texto com outros elementos sonoros — sonoplásticos e vocais - tem-se o ambiente pelo qual vem a linguagem radiofônica (SILVA, 1999).

Em *Rádio: oralidade mediatizada*, 1999, Júlia Lúcia Albano discute a linguagem radiofônica com base em sua estrutura e organização, a partir da reconfiguração dos elementos do texto verbal-escrito quando associado a outros elementos como voz e a sonoplastia (trilha, efeitos sonoros, ruído e silêncio). Interessante notar que a interpenetração daqueles elementos — verbais e não-verbais — faz com que cada um deles perca a unidade conceitual própria para adquirir uma nova especificidade, complementar, nessa reconfiguração. A autora compartilha contribuições relevantes para se pensar o *meio* rádio em si, sua linguagem, mas também seu contexto cultural.

De saída, constata-se que rádio implica uma organização e estrutura sintática próprias, diferente daquelas pensadas para os meios eletrônicos que privilegiam a visão. Afinal, o conteúdo é elaborado para um ouvinte que, via de regra, está em constante movimento, em trânsito. Trata-se de uma plataforma que não conta, essencialmente, com o aparato da imagem. Se, nos dias de hoje, as emissoras de rádio estão preocupadas em oferecer imagens que as tornem mais evidentes em ambientes digitais multiplataforma, com condições de aumentar as possibilidades de consumo do conteúdo que promovem, o fato não deve excluir nem diminuir o prestígio, em primeiro plano, da sonoridade. Prestígio que influi sobre o texto radiofônico, conforme aponta Silva:

Contudo, o rádio, um veículo cuja plasticidade depende exclusivamente de elementos de caráter sonoro, requer uma lógica diferente da escrita, pois os períodos longos que caracterizam o texto impresso tornam-se totalmente incompatíveis com a efemeridade que o signo escrito adquire quando oralizado. O texto escrito exige atenção exclusiva, ao passo que ninguém pára para ouvir rádio, principalmente no cenário em que o ouvinte se encontra atualmente inserido (SILVA, 1999, p.46).

Ainda que a efemeridade seja uma característica da oralidade, não vemos reduzido o potencial de relacionamento que o veículo pode estabelecer com seu público. Mesmo que muitos estejam ouvindo, o rádio *toca* cada ouvinte de forma particular. “Sem a possibilidade de retorno ou correção, o signo sonoro, efêmero e inscrito temporalmente, encontra em cada ouvinte a sua possibilidade de ressonância e, portanto, de perpetuação” (SILVA, 1999, p. 41). A pesquisadora ressalta que o rádio apresenta ao ouvinte o convite para um estado de escuta atenta, mais que para apenas um estado de ouvir, simplesmente. Cabe salientar, porém, que por maior que seja a atenção na escuta, mediação implica perdas. “De todo modo, aquilo que se perde com os mídia, e assim necessariamente permanecerá, é corporeidade, o peso, o calor, o volume real do corpo, do qual a voz é apenas expansão” (ZUMTHOR, 2000, p.19).

Se a ausência do corpo do intérprete, característica das performances mediatizadas, é uma realidade, o cenário não implica, obrigatoriamente, a perda da tatilidade — tão evidente no som. Há, assim, uma nova configuração e adaptação da dimensão tátil ao meio através do qual se propaga. A tridimensionalidade do som, assentada no caráter tátil da oralidade mediatizada pelo rádio, desabrocha no espaço acústico em que se insere podendo, de tal modo, atingir outro. Assim, junto aos demais elementos já citados que se aglutinam no esforço em fazer o todo da obra radiofônica, a tatilidade ressignifica-se no trânsito até o ouvinte, apesar deste não contar com o corpo de quem performa.

Entro aqui em uma dimensão perceptiva que aponta para a presença da tatilidade na performance mediatizada, não como algo perceptível como signo, mas como sentimento, qualidade que toca o ouvinte e ronda a sua percepção auditiva. O que torna presente na performance mediatizada a tatilidade são os quali-signos decorrentes das qualidades da voz como fenômeno sonoro, ou seja, a intensidade, a altura, o volume e o timbre que, juntamente com o ritmo e o gingado, tão presentes na cultura latino-americana, conferem gestualidade e colorido às enunciações. Esta tessela de sons vocais tocam um outro sentido do ouvinte, fornecendo-lhe informações que, quando apreendidas, proporcionam uma experiência qualitativa que extrapola o sentido da audição e percorre o outro sentido, que é o tato (SILVA, 1999, p. 62).

Na tentativa de investigar como a tatilidade pode tocar o outro, Menezes, em *Rádio e Cidade: Vínculos Sonoros* (MENEZES, 2007), dirige sua investigação para a forma pela qual as ondas veiculadas pelas emissoras de rádio, entre outros fatores, viabilizam a sincronização dos ritmos nas grandes cidades. Sua pesquisa assume a hipótese de que, por potencialmente articular os tempos individuais e coletivos, as emissoras de rádio participam da tessitura dos fios da vida urbana. O autor se ocupa, especialmente, com os corpos envolvidos no ambiente

de comunicação. “Antes dos aparelhos de uma emissora de rádio, por exemplo, e na frente de um rádio receptor, encontramos corpos que falam e ouvem. Reiteramos assim, nossa constatação a respeito da complementariedade entre as mídias e a referência de todas elas ao corpo” (MENEZES, 2007, p.31). É a leitura do rádio como mídia que envolve todo o corpo. Se a visão se dá com os olhos, é com o corpo inteiro que ouvimos. O rádio seria, finalmente, um meio que articula e vincula corpos, favorecendo uma espécie de sincronização da vida em sociedade.

Tal reflexão sobre o rádio e suas características nos oferece a possibilidade de pensar outras manifestações sonoras, a exemplo de *Mamilos*. Pois ainda que o podcast esteja inscrito em um novo contexto — cuja característica é a absoluta amálgama entre seres humanos, *gadgets* e acesso à conexão wi-fi — há paralelos importantes entre um e outro. A locução e a performance vocal das apresentadoras põem a disposição uma série de elementos verbocovisuais que, associada aos recursos sonoplásticos, sugere correspondências entre o espaço multimídia e a experiência radiofônica. Dentro de *Mamilos*, a partir do que já se observou nas reflexões de Zumthor e Albano, a voz - e seus paralelos com a linguagem radiofônica - é pilar central para conduzir, guiar, nortear e, em última instância, encantar - daí a importância da performance.

As aproximações, no entanto, têm limite. Sabe-se que a internet, a telefonia móvel e as facilidades das condições técnicas para produção de conteúdo, em geral, ergueram outro contexto de produção; um contexto que, por sua vez, inclui programas desocupados de integrar consensos, livres de grades horárias, cujo público é variado, heterogêneo, que se desloca no espaço e tem, diante de si, uma infinidade de recursos para entretenimento e informação. O conteúdo sonoro alcançou novas possibilidades de construção, distribuição e aproveitamento, não mais restrito ao rádio enquanto plataforma e/ou ao tempo radiofônico de produção e veiculação (VICENTE, 2018; KISCHINHEVSKY, 2016). As mudanças dizem respeito às características técnicas, aos hábitos, às relações de consumo e às novas possibilidades instauradas pela lógica do compartilhamento, da conexão pervasiva, da multiplataforma, da interação permanente, da atenção parcial (SANTAELLA, 2007). E, dentre os modelos de distribuição de conteúdo, se considerada *apenas* a modalidade sonora, o podcasting ocupa posição de destaque. Nosso próximo passo é contextualizá-lo.

1.3 Podcasting, podcast e o modelo de distribuição de *Mamilos*

Não há unanimidade sobre o podcast ser ou não considerado uma versão do rádio. Visões distintas ilustram a complexidade implicada na designação do termo. Mas uma coisa é certa: se quisermos considerar o podcast como rádio, então, a definição do último precisa ser alargada. Eis a escolha recomendada pelo verbete *Rádio* da *Enciclopédia INTERCOM de Comunicação*:

De início, suportes não hertzianos como web rádios ou o podcasting não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada (FERRARETO; KISCHINHEVSKY, 2010, p. 1010).

Mas será que não há suficientes especificidades do podcasting que legitimem uma noção própria? Trata-se de um fenômeno movente, salienta-se de antemão. Em esforço recente, os pesquisadores Ana Luiza Couto e Luís Mauro Sá Martino reconheceram a relevância dos podcasts dentro do ambiente das mídias digitais, sobretudo, considerada a cultura participativa própria delas. Entretanto, também constataram as dificuldades conceituais decorrentes da tarefa e apresentaram um mapeamento que reúne as possíveis razões para o cenário com o qual nos deparamos.

O esforço epistemológico travado pelos autores teve como objetivo observar as definições de podcast, as metodologias utilizadas para o estudo do fenômeno e os principais referenciais teóricos a partir dos quais foi investigado o assunto. No entanto, um hibridismo estrutural — tanto no que diz respeito à forma, quanto no que diz respeito ao conteúdo - faz o podcast escapar das interpretações que queiram resguardá-lo em categorias conhecidas na pesquisa acadêmica. O podcast abrange e reconfigura outras maneiras de expressão sonora, desafiando, com isso, qualquer definição única.

A diversidade do fenômeno parece criar dificuldades para sua conceituação em termos acadêmicos. A apreensão de algo com contornos nem sempre definidos colocam à pesquisadora ou pesquisador uma série de problemas para circunscrever um fenômeno como objeto de estudos e, mais ainda, como objeto empírico. [...] soma-se o fato de se tratar de um fenômeno relativamente recente, que pode remontar, com alguma elasticidade cronológica, ao início dos anos 2000, e parece ainda não ter suscitado um agrupamento crítico de estudos que permita dimensioná-lo em suas linhas gerais (COUTO; MARTINO, 2018, p.49).

Nota-se que a ideia de podcast, conceitualmente, parece associada à produção sonora no ambiente das mídias digitais; o que é uma boa maneira de concebê-lo, ainda que não haja especificações sólidas, claras, capazes de delimitar, com precisão, as diferenças entre o podcast e outras formas de produção, distribuição e circulação de conteúdo na comunicação digital. Apesar da dimensão sonora ser imperativa, também chamam a atenção noções de produção colaborativa e de mobilidade quando mapeadas as descrições do termo podcasting nos estudos acadêmicos (COUTO; MARTINO, 2018).

O surgimento do podcasting como modelo de distribuição de conteúdo na rede mundial de computadores data de 2004. A partir de então, cada vez mais pessoas empregaram tempo e energia no consumo ou produção dos podcasts; muito embora seja em anos recentes que se observa a consolidação desse modelo de comunicação (VICENTE, 2018). Exemplo disso é a pesquisa *Podcast Consumer*⁴ 2017, realizada pela empresa estadunidense Edison Research, a qual aferiu, entre 2006 e 2016, que o percentual de adultos norte-americanos que tinham familiaridade com o termo podcasting subiu de 22% para 60%, ou seja, 168 milhões de pessoas. Ainda segundo os dados apurados pela pesquisa, 24% dos entrevistados haviam ouvido um podcast no último mês, enquanto 15% tinham ouvido na última semana — o mesmo que 67 e 24 milhões de pessoas, respectivamente.

No Brasil, uma das mais sólidas referências é a *PodPesquisa*, promovida pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD). Foram realizadas quatro edições do levantamento, a saber, nos anos de 2008, 2009, 2014 e, mais recentemente, 2018. Embora apresente números menores que os aferidos nos EUA, constatou-se um crescimento no consumo e no interesse do brasileiro com relação aos podcasts. Em 2009, enquanto duas mil 487 pessoas responderam às perguntas do questionário, mais de 22 mil respostas foram recebidas em 2018, salto expressivo num intervalo menor que uma década⁵. E ao buscarmos uma definição clara sobre podcasts, ainda no portal da ABPOD, encontramos a seguinte: “podcasts são programas de áudio ou vídeo, cuja principal característica é um formato de distribuição chamado podcasting” (ABPOD, 2019).

Como se nota, é insuficiente para elucidar a questão. Somos impelidos a investigar, então, o que é podcasting. Para tanto, mais do que pensar no conteúdo distribuído, é preciso refletir sobre a *forma* através da qual o conteúdo chega ao público. “Podcasting é um meio de publicação de arquivos de mídia digital através de feed RSS (Really Simple Syndication

⁴ A pesquisa está disponível no link: <https://www.edisonresearch.com/the-podcast-consumer-2017/>

⁵ As quatro edições da *PodPesquisa* estão disponíveis no site: <http://abpod.com.br/podpesquisa/>

[distribuição realmente simples – tradução livre])” (ABPOD, 2018). Começamos a apreender que a singularidade técnica do modelo reside, finalmente, no *feed* RSS, uma vez que tal recurso permitiu — com exclusividade garantida aos assinantes interessados em determinado arquivo digital — não só o acompanhamento de atualizações, mas seu download automático. Pode-se dizer que, antes do advento do podcasting, para que o internauta ouvisse o arquivo de áudio de sua preferência, ele deveria, a cada nova edição ou atualização, acessar o site que hospedava o conteúdo, fazer o download para o computador e, apenas então, ouvi-lo (KISCHINHEVSKY, 2017). No entanto, com os avanços tecnológicos assistidos nos anos 2000, aqueceu-se a demanda para automatizar o acesso ao conteúdo de audioblogs e demais programas de áudio. O podcasting prestou boa contribuição nesse sentido.

Em outras palavras, numa visão estritamente prática, o podcasting é um meio de publicar arquivos de mídia digital através da internet, assegurando aos usuários o acompanhamento das atualizações de modo automático, bem como a subscrição de novos arquivos. Com isso, criaram-se as condições para que os arquivos fossem automaticamente baixados para audição no computador “[...] ou em *players* de áudio digital como o iPod. É essa prática da assinatura de conteúdos de mídia por meio do RSS para posterior download que recebeu a denominação de podcasting” (VICENTE, 2018, p. 90). A associação com o iPod, *media player* portátil da Apple, ajuda a explicar a razão pela qual o termo *podcasting* foi cunhado. Com o passar dos anos, o trânsito direto entre a empresa e a modalidade de distribuição de conteúdo perdeu força. Mas o termo permaneceu.

O podcasting também não está restrito ao áudio. Qualquer conteúdo de mídia pode ser enviado para um usuário via RSS. Mas aí entra o uso prático. Assim como o YouTube foi se firmando como o espaço para os vídeos, o podcasting passou a se assentar como o espaço para os áudios. Outro ponto importante: em função da popularização dos smartphones e de outros recursos de acesso à internet móvel, assim como graças ao aumento de cobertura e de velocidade de acesso à rede, a lógica do download ficou cada vez mais fraca no sistema RSS e cada vez mais forte no streaming. Com isso, a prática tradicional da assinatura que fundou o podcasting caiu em desuso, deixando de ser decisiva para o consumo dos podcasts (VICENTE, 2018).

Hoje é possível a audição de podcasts através de aplicativos para tablets e smartphones nos sistemas Android e iOS, por exemplo. Para ilustrar, compartilho alguns nomes: Podcast Go, Podcasts, TuneIn, Castro, Downcast, Cast Box, Podcast Addict, Player FM, iCatcher, Stitcher, Spreaker, Overcast e Podbean. Também plataformas de streaming musical, como

Deezer e Spotify, passaram a oferecer podcasts entre os seus conteúdos. E a depender do grau de sofisticação do podcast, é possível que o próprio programa tenha desenvolvido seu próprio site e/ou portal, o que fortalece o relacionamento com os ouvintes e oferece, além dos episódios, detalhes sobre o projeto, a história do programa, imagens de bastidores, enfim, elementos visuais e textuais que complementam a experiência multimídia do internauta.

Num primeiro momento, aproximamos rádio e podcasting para lembrar a referência que o primeiro oferece para o segundo quanto à linguagem radiofônica — visto que, tecnicamente, diferem nas características. Constatamos haver uma tendência em alargar o conceito de rádio para abranger novas manifestações sonoras, como o podcasting, ainda que reconhecidas as dificuldades terminológicas e conceituais para aferir as fronteiras desse último fenômeno. Agora nos parece importante mapear algumas particularidades que, segundo nosso entendimento, conferem à natureza do podcast diferenças substanciais em relação à natureza radiofônica convencional.

De saída, destacamos a distinção em relação ao tempo e à possibilidade de consumo. No podcasting, diferente da radiodifusão convencional, a recepção é assíncrona, isto é, cada indivíduo decide quando, em qual ritmo, em qual lugar e de que maneira vai ouvir o conteúdo sonoro (HERSCHMANN; KISHINHEVSKY, 2008). A autonomia garantida aos ouvintes é crucial, pois tão ou mais determinante que o potencial tecnológico é o uso efetivo e a compreensão que as pessoas fazem do podcasting (VICENTE, 2018). Tais peculiaridades somam-se a outras, igualmente importantes:

Aliás, se é arriscado uma definição positiva de “podcast”, por outro lado é possível notar certo dimensionamento dessa produção em termos de uma distância do rádio: podcast não é um “rádio digital”, mas algo que se delineia a partir de práticas colaborativas em várias plataformas, caracterizadas de maneira majoritária, mas não exclusiva, pela proximidade com produção sonora (COUTO; MARTINO, 2018, p.63).

Ainda considerada a relação estabelecida pelo podcast com o público, sublinhamos nova diferença basilar. Enquanto o rádio convencional opera em intervalos regulares, aposta na instantaneidade e na intensa produção ao vivo, o podcast tem por hábito mirar a produção e a transmissão de episódios de um único programa, travando com o ouvinte uma relação calcada na periodicidade de produção dos novos episódios — que, por sua vez, pode ser diária, semanal ou até mesmo mensal. Analogia sugerida por Vicente (2018) aponta para o fato de que o podcasting oferece um serviço — guardadas as diferenças de natureza de conteúdo bem como de modalidade de assinatura — sob os mesmos moldes da provedora

global de filmes Netflix. Há ali o fornecimento de séries, documentários, filmes, conteúdo audiovisual em geral, disponíveis sob demanda (*on demand*), via streaming e soltos; isto é, independentes de uma grade de programação específica.

No que diz respeito ao conteúdo, outra distinção entre o podcasting e o rádio convencional é que uma emissora tem, por via de regra, liberação para executar músicas em sua programação — fato que, invariavelmente, implica alto custo. O podcast, tão associado às facilidades técnicas e a um custo de produção muito menor que aquele dispendido por uma emissora, é pressionado a fugir do modelo radiofônico em razão da receita mais enxuta — além da questão estratégica, dado que esse tipo de conteúdo já está contemplado. Em função do cenário, os programas — no podcasting — edificam um ambiente sonoro norteado e atravessado pela palavra, complementando o verbo enunciado por trilhas livres de direitos ou vinhetas de produção própria.

O breve mergulho nos permite entrever uma tradição própria do podcasting, ainda que recente; um conjunto de características que nos oferece o suficiente para considerar o amadurecimento de uma “cultura podcaster”, desde um processo permanente que envolve modalidade de produção e consumo.

[...] o podcast tem assumido formatos de produção e características próprias que o distanciam, em alguma medida, da linguagem radiofônica tradicional — pelo menos no que se refere às emissoras comerciais — afirmando-se como uma nova prática de produção e consumo sonoro. Assim, a perspectiva é de estar apontando para algumas das linhas de força que podem estar moldando os rumos dessa nova mídia (VICENTE, 2018, p.98).

Com base nas contribuições dos autores com os quais dialogamos até aqui, assumiremos a ideia de *sonoro* ao invés de *radiofônico*, por considerarmos que as diferenças entre podcast e rádio convencional exigem especial atenção. O podcast tende a compor com o ouvinte uma relação amparada por uma dinâmica de espaço e tempo bastante peculiar. Dada a autonomia de quem ouve para escolher o conteúdo sonoro, bem como para decidir a forma como pretende consumi-lo, o convite feito ao ouvinte para uma escuta mais atenta, profunda e imersiva inaugura novas potencialidades — o que nos parece determinante frente à radiodifusão tradicional. Longe de serem excludentes, apostamos num resultante complementar entre rádio e podcast quanto à produção sonora. Enquanto a radiodifusão tem oferecido músicas e conteúdo ao vivo em meio ao tempo de produção latente e próprio do veículo, — como já apontado na pesquisa que se segue - o podcast pode propor outra relação de escuta, comprometendo-se com a variedade, a experimentação e a produção de conteúdo

mais falado — não que todo o dito esteja fora do alcance da radiodifusão, mas apenas não costuma ser a via de regra, o padrão tal qual é no podcasting.

E é nesse contexto complexo que se insere o podcast *Mamilos*, cuja primeira edição data de 14 de novembro de 2014. Desde então o slogan do programa não sofreu alteração: “jornalismo de peito aberto”. Apresentado por Juliana Wallauer e Cris Bartis, ambas publicitárias de formação, a atração discute assuntos relevantes tendo como principal critério o interesse público da informação e, como principal parâmetro, a repercussão destes assuntos nas redes sociais digitais e/ou na imprensa. A escolha dos convidados é orientada pela celebração da diferença: convocar pessoas que tenham opiniões conflitantes, favorecendo debates que contemplem visões de mundo heterogêneas. Quanto mais plural, diversa e dissonante estiver a bancada para gravação do programa, mais próximo do cumprimento da sua missão o programa estará. O podcast tem periodicidade semanal, os episódios costumam ser distribuídos, disponibilizados, às sextas-feiras. O conteúdo é hospedado pelo portal BRAINSTORM9, B9, e tanto pode ser baixado via RSS quanto via streaming por meio de diversos agregadores de podcast ou mesmo na plataforma Spotify.

Mamilos é um podcast semanal que pinça das redes sociais os temas mais debatidos (polêmicos) e traz para mesa, com a ajuda de especialistas, um aprofundamento do assunto com empatia, respeito, tolerância e bom humor. A ideia é, a partir de um recorte, mergulhar em um tema apresentando variados argumentos e visões para que os ouvintes formem opinião com mais embasamento. Para o *Mamilos* construir pontes é mais importante que provar pontos (BRAINSTORM9, 2015).

Algumas expressões usadas pelas apresentadoras para falar sobre o programa devem ser destacadas. São exemplos: “espaço de encontro”, “lugar de empatia e respeito”, “polêmica com embasamento e tolerância”, “espaço pra deixar a lacração de lado e vir com mente e coração abertos”. Eis o recorte com o qual a presente dissertação se ocupa. É chegada a hora de nos aprofundarmos no programa em si.

É um espaço de encontro para ouvir ideias diferentes das suas. Escutar para entender o outro. Não é pra concordar, não é pra mudar de ideia, mas para entender. É esse o exercício que a gente faz no *Mamilos*

Juliana Wallauer

2. A CONSTRUÇÃO DE PONTES EM MAMILOS: O DIÁLOGO E A EMPATIA COMO PREMISSAS

2.1 Uma exceção para compreender a regra: a missão de *Mamilos*

Na edição de número 161 — divulgada no dia 7 de setembro de 2018 — *Mamilos* foi pautado pelo tema “Vacina e Imunidade Coletiva” e a apresentadora Juliana Wallauer — que assumiu sozinha a condução do programa — abriu a atração com um alerta: o retorno do sarampo, doença que parecia erradicada. Ao contextualizar o aviso, Juliana reconheceu que, há algumas décadas, não se ouvia falar sobre a doença, mas que, para além dela, outras enfermidades voltavam a preocupar autoridades e a sociedade, casos da febre amarela e da poliomielite. O episódio se debruçaria sobre saúde pública, num recorte jornalístico, que levaria também em conta o movimento antivacina, cada vez mais evidente no país e cuja escolha antivacinal foi considerada pelos pró-vacina um risco para a imunidade coletiva.

Juliana compartilhou, então, um pronunciamento da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). A instituição declarou que “[...] o Brasil anda na contramão do mundo”, embasando por meio de números a tendência para a não proteção contra doenças outrora quase erradicadas. Bastante clara e didática, Juliana encerrou a nota lançando mão de uma pergunta retórica para sugerir uma reflexão sobre a pertinência daquele conteúdo: “por que que esses números importam?”. Emendando, “porque, no patamar de cobertura que a gente tá atualmente, as vacinas simplesmente não são mais efetivas. Isso quer dizer que, apesar do esforço de todos que se vacinaram, a população não está imune” (MAMILOS, 2018). A fim de ofertar ainda mais solidez para a afirmação, Juliana apresentou novos dados, agora do DATASUS, e convidou o ouvinte à reflexão investigativa, crítica, desinteressada por convicções não fundamentadas, crenças e preconceitos. Por outro lado, a apresentadora depositou, numa performance interrogativa, o remate bem-sucedido para a escuta atenta.

Doenças que já não existiam mais no país há décadas, ensaiam uma volta e podem vitimar principalmente crianças e pessoas em situação de vulnerabilidade. [...] Como é que a gente chegou nesse ponto? E o que a gente faz pra recuperar a conquista de poder dizer que essas doenças faziam parte da história. Para responder esta e outras questões relacionadas ao tema, contamos na mesa hoje com a presença de Marco Antônio Stephano, coordenador do Laboratório de Imunobiológicos de Biofármacos da Universidade de São Paulo; e de Carlos André Uehara, geriatra e sanitaria que é diretor executivo da OS de Santa Catarina (MAMILOS, 2018, episódio 161, 1:48-3:11).

Ao longo do programa, os dois convidados empreenderam esforços para convencer os ouvintes a se vacinarem, vacinarem os seus filhos e a recomendarem a vacina para aqueles com os quais convivem. Assumiu-se, para tanto, a proeminência de um discurso científico, legitimado pela experiência curricular e pelo cargo profissional ocupado pelos convidados. Ainda que apenas dois especialistas tenham sido convocados, depoimentos discordantes serviram de contraponto — houve espaço, inclusive, para que uma mãe pudesse compartilhar os motivos pelos quais optou por não vacinar o seu filho.

A mediação de Juliana Wallauer se decidiu por intervenções de incitação e de estímulo à polêmica, questionamentos e discordâncias — todo o dito exibido de forma respeitosa e não-violenta. Marco Antônio Stephano, para mencionarmos um episódio, referindo-se ao movimento antivacina brasileiro, teceu críticas fundadas sobre a falta de educação básica e de cidadania. Apostou numa relação causal entre ambas, supondo que educação deficitária leva à falta de cidadania; afirmação ilustrada pelo alto índice de pessoas que vivem próximas ou abaixo da linha de pobreza, dependentes exclusivamente do SUS, e demandantes, segundo ele, de uma “comunicação facilitada”. Marco Antônio prossegue o raciocínio, lamenta os boatos e distorções que afastaram as famílias dos postos de vacinação e reforça a indissociação entre educação e cidadania: “as pessoas só vão ser cidadãs se tiverem educação. E é isso que nós estamos perdendo. Não investimos em educação, não temos educação de qualidade e, por isso, não temos cidadania, não temos pensamento coletivo, porque nós não temos educação” (MAMILOS, 2018).

Juliana Wallauer discordou da relação direta entre falta de educação e falta de cidadania, contrapondo-se em tom amistoso: “eu questiono um pouco essa ligação direta de educação com cidadania porque é justamente na parcela da população que mais têm acesso a educação que a gente tá vendo menos compromisso com a cidadania” (MAMILOS, 2018). Prosseguiu sua exposição desde a autocrítica, escolha discursiva garantidora de algum conforto, ocupando-se, então, com seu diagnóstico sobre a circunstância. Pontuou que a pauta sobre vacinação havia sido enviada por um grupo de divulgadores científicos. Num primeiro momento, a entrevistadora não acreditou que o assunto gozasse da relevância imaginada pelo grupo que o havia sugerido. Juliana minimizou o movimento antivacina, associando-o a uma minoria, a classes de médio ou alto poder socioeconômico, não enxergando, ali, um problema de saúde pública. Mais tarde, instigada, apurou as informações disponíveis a respeito, guiada pela alteridade. Ao conversar com equipes médicas e profissionais que atendiam comunidades com um dos menores IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de São Paulo, ouviu deles

que as mães das crianças não andavam permitindo que os seus filhos fossem vacinados — especialmente, por conta de boatos divulgados através da rede social digital WhatsApp. Foi aí, e apenas aí, que Juliana reavaliou sua visão inicial, decidindo-se por uma edição inteira de *Mamilos* dedicada ao tópico.

A Prefeitura de São Paulo mandou equipes de vacinação para as escolas, alegando em carta para os pais que a meta de proteção contra o sarampo não havia sido atingida e que as crianças estavam sob perigo. Muitos pais se revoltaram ao imaginar que seus filhos seriam vacinados obrigatoriamente no colégio, sem consentimento deles. Boa parte dos pais das classes C, D e E não queriam que os filhos fossem vacinados. Essa galera não tá na medicina antropológica, não é essa questão. É uma galera que acha que a vacina vai fazer mal porque viu no WhatsApp que uma menina morreu, porque viu no WhatsApp que isso é tudo uma questão de interesse de laboratórios, o boato de que causa autismo (MAMILOS, 2018, episódio 161, 1:17:50 - 1:18:30).

O trecho nos é interessante não apenas pela transparência opinativa da apresentadora para com o ouvinte, mas também pela vulnerabilidade que humaniza a comunicação proposta pelo programa *Mamilos*. Ao dividir com o público o processo judicativo pelo qual passou, Juliana se aproximou da audiência, inscrevendo-se, também, como indivíduo sujeito às armadilhas preparadas pela desinformação, pelas verdades parciais — porque subtraídas dos seus contextos, pelas inverdades. Na mensagem de abertura daquela edição, Juliana qualificou a natureza da experiência dialógica desejada: “Mamileiros e Mamiletas⁶, bem-vindos ao nosso espaço de encontro pra escutar opiniões, visões, vivências diferentes das nossas — de coração e mente abertos. Eu sou a Ju Wallauer e hoje a gente vai falar sobre vacina” (MAMILOS, 2018). O gesto revela a forma humana com a qual aquele programa foi construído, reiterando o compromisso com a tolerância e o respeito para com o contraditório.

Ainda assim, naquele episódio, o programa assumiu contornos diferentes dos habituais. Embora sem se descaracterizar, sem abrir mão de sua essência, *Mamilos* abriu exceção na própria história ao assumir um posicionamento, ao preferir um direcionamento em detrimento da convivência de perspectivas distintas e complementares. Dito de outra maneira, o programa endossou o convite para que a população se vacinasse, por julgar ser a única alternativa capaz de contornar a crise imunológica instalada na saúde pública brasileira. Juliana Wallauer reconheceu que o episódio era ponto fora da curva:

⁶ *Mamileiros* e *Mamiletas* são termos usados pelas apresentadoras Juliana Wallauer e Cris Bartis para se referirem aos ouvintes de *Mamilos* num tom mais próximo, confidente e intimista.

O *Mamilos* não parte pra um objetivo. Ele coloca na mesa pessoas que pensam diferente pra dialogarem, pra gente entender porque que as pessoas pensam diferente. Esse programa de hoje ele não é o *Mamilos*. Por isso que a gente não quis fazer a princípio. A gente aceitou fazer pela gravidade da situação, porque a gente entende que é importante. (MAMILOS, 2018, episódio 161, 1:36:41 – 1:37:00).

A apresentadora esclareceu a intenção por trás daquele conteúdo, aparentemente, contrário à narrativa polissêmica costumeira encampada pelo programa. Dividiu com o público a relevância de uma circunstância que escapasse das balizas rotineiras. Compartilhou seu desejo de fazer com que a audiência confiasse na produção de vacinas no Brasil, por meio de uma abordagem que humanizasse os desenvolvedores, organizadores e aplicadores das substâncias de proteção imunológica. Para tanto, Juliana deslocou o debate, certo momento, para o universo particular de Marco Antônio Stephanio. “O Marco Antônio tá na minha frente, ele é um bom pai, ele é um bom profissional, ele tá comprometido e ele representa uma série de pessoas que estão desenvolvendo vacinas. Vacina no Brasil é de qualidade. Isso era uma informação importante que a gente queria trazer” (MAMILOS, 2018).

Em seguida, o mesmo gesto foi estendido a Carlos André Huehara, profissional que representou o grupo de pessoas que recebe e orienta os cidadãos que procuram os postos de imunização. Tendo mencionado alguns exemplos da vivência de Carlos — supondo que o reconhecimento dos profissionais de saúde favorece a confiança no serviço por eles prestado —, a apresentadora reiterou o compromisso entre o prestador e a saúde da população atendida. E Juliana encaminhou os ouvintes para o final do programa endossando, mesmo em meio à urgência epidêmica acenada pelo contexto, o direito à discordância: “Não tá acima de qualquer questionamento. Então estou tentando ser empática com as pessoas que têm um posicionamento diferente do que eu coloquei aqui. Estou te dando direito de pensar diferente do *status quo*, eu também faço isso” (MAMILOS, 2018).

Por outro lado, Juliana tornou a defender os motivos pelos quais sustentou uma edição excepcional do programa. Excepcional, segundo ela, por se tratar de saúde pública e de um contexto decisório que mobiliza modalidades de ação comunitárias, coletivamente conduzidas. Ações que obrigam sujeitos a identificarem objetivos comuns, desencadeando transformações sociais. Aflita, Juliana revelou sentir que as pessoas se veem como indivíduos, isolados, autorreferentes — característica que seria, em alguma medida, sociocultural.

Não tem como a gente pensar que vai conseguir alcançar saúde pra um país do tamanho do nosso, se todo mundo não estiver na mesma página. Faz tanto tempo que a gente não investe e não acredita numa coisa [como país] que eu acho que a gente não sabe mais como é. [...] então eu acho que essa visão do

coletivo, de enxergar o SUS como resposta das políticas públicas de saúde pensando na comunidade inteira e não só em você é fundamental. A gente tá falando: ou todo mundo vai cooperar pra esse sistema funcionar ou não tem jeito. (...) O *Mamilos* não é um programa que fala sobre isso desse jeito, com esse recorte. A gente tá abrindo uma exceção muito grande porque a gente acredita que isso é importante (MAMILOS, 2018, episódio 161, 1:40:51 – 1:43:00).

Chama a atenção, no depoimento de Juliana, a preocupação em promover um conteúdo que não seja instrumental, pragmático, funcionalista, reducionista, mas um espaço comunicacional capaz de viabilizar o encontro, num ambiente sonoro harmônico o suficiente para celebrar a diferença. Nota-se um menor compromisso com o “portanto”, o “porque” ou com o “assim”, compensado pela manutenção do que é adversativo, do “por que”, do “aliás”, do “por um lado”, “por outro lado”. A preferência por abrir as questões em detrimento de fechá-las. Embora, reiteramos, as contradições e as ambiguidades tenham sido abarcadas na edição 161 do programa, o tom preponderante foi o de recomendação das vacinas, proposta diversa daquela quando *Mamilos* é, tão somente, um espaço de convívio entre múltiplos divergentes.

2.2 A busca pelo diálogo no ambiente comunicacional de *Mamilos*

Ao considerar as palavras das apresentadoras Cris Bartis e Juliana Wallauer na ocasião da abertura dos programas, edição a edição, nota-se o reforço da missão compartilhada há pouco. Na edição número 100 de *Mamilos*, pautado pelo tema “sistema prisional”, no dia 18 de março de 2017, identificamos indícios relevantes para o debate. Não nos debruçaremos agora sobre esta edição, especificamente, mas a abertura dela é ilustrativa do ambiente sonoro promovido pelo programa:

Bem-vindos ao *Mamilos* número cem! Se é a sua primeira vez no “bonde da polêmica”, relaxa o ombrinho, aqui não é espaço para provar pontos, o que a gente quer é construir pontes. Nós temos um espaço de encontro onde pessoas com diferentes vivências e opiniões buscam entender como que alguém, bem-intencionado e inteligente, pode chegar a conclusões tão opostas às suas. Deixa a ‘lacrção’ na porta e vem com curiosidade, de coração e mente abertos (MAMILOS, 2017, episódio 100, 00:32-00:51).

Construir pontes ao invés de provar pontos sugere uma perspectiva dialógica, harmônica e plural. Do ponto de vista simbólico, cabe uma referência à metáfora universal da ponte como vereda, alternativa, possibilidade de passar de uma margem à outra, travessia. Com auxílio do *Dicionário dos Símbolos*, recuperamos as raízes etimológicas dessa figura emblemática. A ponte pode representar “a passagem da terra ao céu, do estado humano aos estados supra-humanos, da contingência à imortalidade, do mundo sensível ao mundo suprassensível (Guénon) etc” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017, p.730).

Mamilos enfrenta o ritual de passagem pela ponte, programa a programa. A cada edição, por mais espinhoso que se desenhe um tema, há o aceite do intimidador, do assustador e do perigoso. O aceite da travessia; uma busca pelo diálogo sem descuidar do contraditório, mas garantindo-lhe espaço, uma noção clara de que permanecer onde se está não significa viver.

Tradições históricas múltiplas confirmam a simbologia da ponte: lugar de passagem e de prova. Mas elas lhe dão uma dimensão moral, ritual e religiosa. Aprofundando esse direcionamento da análise, poder-se-ia dizer que a ponte simboliza uma transição entre dois estados interiores, entre dois desejos em conflito: pode indicar o resultado final de uma situação de conflito. É preciso atravessá-la; fugir à passagem nada resolveria (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2017, p.730).

Ao refletirmos sobre as possibilidades do trânsito sonoro oferecido pelo programa *Mamilos*, é importante salientar algumas noções adotadas pela pesquisa. A perspectiva do

diálogo levará em conta as contribuições do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser. O autor trata do assunto em alguns momentos de sua produção, mas especialmente em *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar* (FLUSSER, 2011). Na obra, Flusser reconhece que o sacrifício do diálogo implica o sacrifício do reconhecimento em prol do conhecimento; o que resulta na solidão do conhecimento que passa a ser não-reconhecido, nem reconhecível. O filósofo entende que a relação entre o conhecimento e o diálogo é intrínseca, indissociável, a ponto de constatar que “se o conhecimento não for reconhecido dialogicamente, se não for resultado de diálogo, e se não se dirigir rumo ao outro, passa a ser absurdo” (FLUSSER, 2011, p. 68).

Flusser estabelece distinção entre dois modos de conhecimento, o objetivo e o intersubjetivo. Enquanto o primeiro é discursivo e trata de objetos, o segundo fala sobre os outros e é dialógico. Interessado na reflexão sobre os limites e as possibilidades entre discurso e diálogo, o filósofo destrincha alguns elementos que nos podem ajudar a diferenciar aquelas noções. Um dos pontos é a atmosfera que circunda os conceitos: o ambiente dialógico, por exemplo, encontra-se necessariamente envolvido por um clima de responsabilidade, capaz de viabilizar a abertura para respostas (FLUSSER, 2011). Importante reconhecer, entretanto, a recursividade entre as duas ideias — discursiva e dialógica — e o livre trânsito entre elas, pois é dessa dinâmica movente que nascem as ressignificações. O filósofo defende o equilíbrio entre o discurso e o diálogo como potencialmente assegurador de trocas intersubjetivas. A sobreposição de um pelo outro deve nos colocar em estado de alerta:

Todo discurso pressupõe diálogo, porque pressupõe informação elaborada dialogicamente. Todo diálogo pressupõe discurso, porque pressupõe recepção de informações a serem sintetizadas. A sociedade humana se revela destarte tecido comunicativo, no qual discursos e diálogos interagem dinamicamente. É a dinâmica da história. Quando um dos dois métodos de comunicação prevalece sobre o outro, a sociedade está em perigo. Exige equilíbrio, sempre precário, entre diálogo e discurso (FLUSSER, 2011, p.73).

Ao não identificar tal equilíbrio na sociedade ocidental, Flusser registrou sua preocupação com o predomínio dos discursos sobre os diálogos, reiterando que disso decorre a solidão na massa — tantos juntos e, ao mesmo tempo, sozinhos, o que expõe a incapacidade de a sociedade elaborar informações novas a partir do diálogo com os outros (FLUSSER, 2011). Em que medida a perspectiva dialógica encampada pelo programa *Mamilos* pode servir de alternativa diante desse cenário? No exemplo apresentado, pudemos constatar que, mesmo num programa excepcional, respeitaram-se perspectivas distintas e o direito à

coexistência de visões diferentes. Em todas as edições, é comum que as apresentadoras abram espaço para a participação dos ouvintes, compartilhando as impressões da audiência — a partir do que enviam pelas redes sociais digitais, respondendo diretamente às críticas, sugestões ou provações, por meio de uma dinâmica que será aprofundada em momento oportuno. Se, por outro lado, essa interação passa pelo crivo e pela mediação das apresentadoras, considerando a recursividade entre as noções dialógica e discursiva, pode-se dizer que há aí a busca por um equilíbrio.

Quando se avalia a bancada de convidados das edições do programa, nota-se a preocupação com uma composição mais plural e polifônica possível. Pois voltamos à edição número 100 de *Mamilos*, de tema “sistema prisional”. Num mesmo espaço sonoro, gente diferente. Débora Ferreira, psicóloga, realizava atendimentos na Penitenciária Estadual de Charqueada; Luis Augusto Barquero Neto, juiz de direito, titular da 2ª vara criminal de Limeira, também juiz de execuções criminais em Limeira e juiz do departamento de execuções criminais da região de Campinas; Nathalia Lago, doutora em Antropologia Social pela USP; Mirela Trevisan, socióloga, agente da Polícia Rodoviária Federal; Thais Duarte, socióloga, doutora em relações afetivas no cárcere; Samuel Lourenço, ex-presidiário, um dos fundadores da ONG “Eu sou Eu — o reflexo da vida na prisão”, escritor e palestrante.

A preocupação em fazer com que diferentes pontos de vista sejam ouvidos, demarcando um espaço de tolerância, não só aumenta as chances da anunciada “construção de pontes” - contrária à “defesa de pontos” - como também torna possível um ambiente dialógico. *Mamilos* se ergue contra a verborragia ou o binarismo que despreza a complexidade intrínseca ao que é humano. As apresentadoras têm consciência do papel central das palavras na busca pelo equilíbrio de um ambiente. O etólogo francês Boris Cyrulnik discorre a respeito, sublinhando dois momentos claros na história da humanidade: antes e depois do surgimento da palavra. Quando a palavra não existia, os perigos do mundo obrigavam os homens a unirem-se para transpor os obstáculos. A partir da palavra, tão logo o Verbo aparece, o tempo muda de natureza, as transformações deixam de estar associadas à duração das coisas, mas à representação do tempo e à história.

A palavra consegue capturar o campo de consciência humana, hipnotiza, supera os estímulos sensoriais. Com ela se consegue fixar a atenção do homem. É a partir dela, também, que o interdito nos une, estrutura o mundo e nos impregna com um sentimento moral: “os que respeitam o mesmo interdito que eu são seres humanos virtuosos, os outros são bárbaros, próximos do animal” (CYRULNIK, 1997, p. 249). Em tom complementar, desde uma

perspectiva por nós ideada, os processos comunicativos podem ser compreendidos como construções de vínculos que agregam ou segregam, que aglutinam ou separam indivíduos. “Agrega no sentido da interação entre indivíduos vinculados sob o termo ‘nós’ e segrega no sentido de que a constituição do ‘nós’ implica na observação de outros grupos denominados ‘outros’, os que estão fora” (MENEZES, 2007, p.24). No fundo, tanto Menezes quanto Cyrulnik alertam para a separação, a segregação, a distância entre alguns e outros seres humanos. Nesse contexto, *Mamilos* desempenha papel relevante, a ponto de nos deixar curiosos: quem é o “nós” em *Mamilos*? Quem são os “outros”? Ao que parece, as fronteiras conceituais entre nós e outros é mal delimitada. Propositamente.

Ao se distanciar da segregação para propor a convivência, o programa avança na busca por um ambiente acolhedor e articulador de aspectos dialógicos. Os processos dialógicos do ambiente sonoro em *Mamilos* são caracterizados especialmente pela psicoafetividade e pela alteridade. E, ao procurar fazê-lo, o espaço sonoro *Mamilos* assume seu potencial vinculador mais associado ao verbo agregar. Os vínculos, com base nos estudos e reflexões de Cyrulnik, são laços estreitos, carregados de psicoafetividade, dos quais ser humano algum pode abrir mão e surgidos sempre na convivência com o outro. O autor chega ao extremo quando alerta: “não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém” (CYRULNIK, 1995, p. 75). Em *Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo*, o autor revela que a coluna espinhal da própria obra está contida na “força oculta que nos governa e nos força a estar-com para ser” (CYRULNIK, 1997, p.7). Essa premissa de que só podemos ser nós mesmos com os outros propõe o enfrentamento de uma profunda contradição humana. Apesar de ser daí, da convivência com os outros, que vêm todos os sofrimentos, ainda assim, pondera Cyrulnik, estivéssemos sós, nós, sem ambiente, as perspectivas seriam profundamente piores.

Os estudos de Cyrulnik sobre a natureza e a cultura humanas iluminam o fato de que a simples presença sentida de um próximo análogo gera um alargamento do mundo sensorial, “um acontecimento perceptual, um convite ao encontro” (CYRULNIK, 1997, p.23). Somos constitutivamente sistemas abertos, penetrados sensorialmente pelo meio que nos envolve; apenas os mortos podem ser considerados fechados. “O indivíduo é um objeto ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quando o biótipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar, a ponto de se tornar ele mesmo, um bocado de meio ambiente” (CYRULNIK, 1997, p. 92). Vivos, realizamos trocas constantes com o meio ambiente, combatemos fisiologicamente privações sensoriais, buscamos estímulos de toda ordem. Não se trata de um ser dividido, um ser compacto, mas orgânico, dinâmico. No fundo,

as informações sensoriais são capazes de cativar, de encantar e, se o fazem, não só preenchem o mundo humano, ávido pela sensorialidade, como geram um sentimento de existência:

A função do encantamento consiste em nos dissolver, em nos fazer sentir a delícia de estar-com, fundidos, no mundo de um outro, criando, deste modo, o sentimento de existência, de plenitude, tal como no amor. Para compreender essa ideia, basta pensar no contraste com o sentimento de não-existência criado pelo isolamento sensorial [...]. Fundir-se no meio ambiente, na massa ou nos braços de um outro adquire um efeito tranquilizante para o sujeito atemorizado e um valor de sobrevivência para a espécie (CYRULNIK, 1997, p. 115).

Refletir sobre o modo através do qual o programa *Mamilos* trabalha seu potencial vinculador é o leitmotiv da pesquisa aqui apresentada. Por um lado, o programa não consegue carregar o ouvinte, fisicamente, para dentro do estúdio. Por outro, ao envolver os corpos de atores socioculturais tão diversos entre si durante as gravações do programa, *Mamilos* se preocupa em edificar um ambiente sonoro polifônico, plural, diversificado, em alinhamento com sua missão editorial, num movimento que reforça o compromisso com a busca por uma abordagem tolerante e acolhedora. Um clima, uma ambiência hospitaleira. Assim, é possível dizer que o lugar de encontro promovido por *Mamilos* está apto a envolver os corpos que se dispõem a escutar o conteúdo do programa, a compartilhar do mesmo espaço das apresentadoras e dos convidados, por meio do som, num movimento de escuta atenta. Considerada a tridimensionalidade e a tatilidade sonora, também já pontuadas, pode-se intuir que, potencialmente, *Mamilos* conversa, atinge, toca o outro, reverbera nele. Constrói um ambiente sonoro, potencialmente, vinculador.

2.3 Ouço, sinto e me coloco em seu lugar: a empatia em *Mamilos*

Mesmo considerada a edição do programa que fugiu à regra, a de número 161, dedicada ao tema das vacinas, é possível isolar as palavras proferidas por Juliana Wallauer e concluir pela sua preocupação em se colocar no lugar de sujeitos discordantes: “Não tá acima de qualquer questionamento [mesmo sendo discurso científico]. Então estou tentando ser *empática* com as pessoas que têm um *posicionamento diferente* do que eu coloquei aqui. Estou te dando *direito de pensar* diferente do *status quo*, eu também faço isso” (MAMILOS, 2018, grifos nossos). Em que medida podemos considerar empático o ambiente sonoro de *Mamilos*? As palavras destacadas do discurso de Juliana Wallauer são a ponta de um iceberg, a julgar pelo mergulho pretendido para dimensionar a empatia no processo comunicacional do programa, mas é inegável que Juliana se autoproclama *desejosamente* empática no interior do ambiente sonoro que se *pré-dispõe* a edificar.

Para além da edição 161, e invariavelmente, as apresentadoras reiteram a preocupação com uma postura empática dentro do processo comunicacional do programa. Para evitarmos verbos ao vento, numa postura que foge de uma perspectiva funcional sobre a empatia, essa pesquisa a considera também a partir das contribuições teóricas de Boris Cyrulnik. Ao refletir sobre o tema, o pensador francês revela que as emoções, comportamentos e ideias de uma pessoa estão intrinsecamente ligados à projeção feita desde o mundo mental do outro (CYRULNIK, 1997). “Pode adivinhar ou delirar, pois a empatia necessita de uma aptidão sensorial para perceber os indícios e os sinais emitidos pelo corpo do outro e de uma aptidão neurológica para fazer os sinais que compõem uma representação do mundo do outro” (CYRULNIK, 1997, p. 220). Dito de outro modo, a empatia como ponto de partida para tocar o outro; como facilitadora para o vínculo com o outro. Não se trata, assim, de uma concepção instrumental da empatia, tal qual um tempero que se coloca em maior ou menor dosagem num determinado contexto, mas de compreender que a empatia não é, ela acontece. Eis uma dinâmica que exige aptidão sensorial. Complexa, tal percepção é atravessada pela capacidade de um ser humano habitar o mundo representado do outro, o que exige um impulso de busca pelo outro. O autor enfatiza a diferença entre simpatia e empatia — distinção que nos é de especial interesse.

É, pois, necessário um cérebro que torne o indivíduo capaz de habitar um mundo não-percebido, mas representado. Também é preciso uma intenção de habitar o mesmo mundo, um impulso em direção ao outro e uma antecipação de que só são capazes os indivíduos que possuem um lóbulo pré-frontal. Representar para si o mundo que o outro representa para ele

permite compreendê-lo, mas não obrigatoriamente senti-lo. A simpatia necessita de um contágio emotivo trocado entre dois indivíduos, ao passo que a empatia exige uma representação partilhada entre dois sujeitos (CYRULNIK, 1997, p.221)

O desenvolvimento da empatia passa, diretamente, pela evolução dos cérebros e pela capacidade intelectual de abstrair informações com cada vez mais competência. De início, a percepção da existência do outro desencadeia sensações. Em estágio seguinte, mais evoluído, o contágio das emoções, disparado pela exposição ao outro, viabiliza a simpatia. E, finalmente, numa etapa ainda mais sofisticada, a empatia se apresenta com dupla-natureza: a empatia da emoção, a qual reflete um pensamento quase analógico — a compreensão do que o outro sente — é aquela sobre a qual se assenta a empatia da abstração, ou seja, a capacidade de, para além de compreender o que um outro sente, compreender o que um outro compreende. Em suma, uma aptidão profunda que favorece a partilha de ações, afetos e pensamentos de alteridade (CYRULNIK, 1997). A julgar pela ontogênese humana, a empatia pode ser considerada uma dinâmica que depende da mais alta integridade das dimensões contidas no aparelho psíquico do ser humano, um grau elevado de sensorialidade e porosidade, ou o suficiente para expandir o raio de existência do ser. É a construção de um ambiente em que o sentimento de si fica em segundo plano graças à aptidão para nos colocarmos no lugar do outro.

Ao ilustrar o nível de complexidade envolvido na empatia, Cyrulnik nos convida a refletir sobre uma representação íntima. Ele pontua o quanto tal representação é reveladora, na medida em que traduz nossos desejos, envolto o gosto pela perfeição e pela harmonia projetadas sobre eles. No entanto, questiona, qual não é o desafio enfrentado quando se pretende dirigir essa representação para um outro? “Tem de se deformar a fim de agir sobre ele [o outro] para partilhar. Então, esbarra-se com o real e tem de se traduzir o mundo interno pondo-se no lugar do outro.” (CYRULNIK, 1997, p.241). A empatia é a base que sustenta a intersubjetividade travada assim que dois indivíduos habitam o mesmo mundo. Se já “a partir dos primeiros meses de vida, o sentimento de si nasce do encontro” (1997, p.239), temos condições biológicas e sensoriais de desenvolver a empatia como talvez nenhuma outra espécie, isto é:

O homem, devido à aptidão biológica para a empatia e a palavra, pertence, certamente, à espécie mais influenciável, não apenas porque percebe a sensorialidade do contexto que o pode cativar, mas também porque, sob o efeito das palavras dos outros, pode pôr-se no lugar deles e experimentar um sentimento provocado pelos seus relatos. (CYRULNIK, 1997, p.104).

Dentro do seu processo comunicacional, *Mamilos* experimenta o movimento empático, cuja beleza se dá pela busca. Mas, na edição de número 102, ficou ainda mais evidente a preocupação das apresentadoras com aquele estado de movência. O tema escolhido foi *Empatia e Moradores de Rua*. O programa foi veiculado no dia 31 de março de 2017. Dois ganchos jornalísticos pautaram a atração. Primeiro, o lançamento do programa *Trabalho Novo* pelo então prefeito de São Paulo, João Dória, no começo daquele mês. O conjunto de ações em parceria com a iniciativa privada tinha por finalidade empregar cerca de 20.000 moradores de rua até dezembro de 2017. Outro gancho foi o lançamento do livro *Contra a Empatia: por uma compaixão racional* de autoria do professor de psicologia da Universidade de Yale, Paul Bloom. A obra problematizava a empatia, enfatizando os malefícios por ela introduzidos.

Logo na abertura do programa, a apresentadora rememorou: “Bem-vindos ao *Mamilos*! Aquele lugar gostoso de encontro para debater temas polêmicos com empatia e respeito. Respira fundo, deixa a poeira da intolerância na porta, abre o coração e a mente pra explorar com curiosidade diferentes visões e argumentos” (Mamilos, 2017, episódio 102, 0:34 - 0:49). Como convidados, a edição contou com as presenças do psiquiatra Fernando Duarte e do economista e analista de dados Vitor Brumatti. Fernando atua no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Vitor trabalhou na Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e por lá conduziu pesquisas com população de rua, entre as quais o censo de população de rua de São Paulo. Embora não tenha contado com personagens no estúdio, Vitor e Fernando compartilharam depoimentos de moradores de rua com os quais tiveram contato direto — e foi pontuada a dificuldade de se levar algum morador de rua para o estúdio, em razão de haver uma tendência ao isolamento por parte daqueles que estão em situação de vulnerabilidade social.

A escolha dos convidados nos permite dizer que houve, novamente, preocupação em convidar aqueles que gozavam de autoridade para discorrer sobre o assunto, mas também aqueles que haviam sofrido experiências capazes de oferecer uma perspectiva humanizadora para o debate. Quando complementada pela interdisciplinaridade do conhecimento, a empatia se fortalece como base para a construção dialógica das ideias. *Mamilos* se baseia na articulação de diferentes vozes e pontos de vistas para a costura de seus temas, num *modus operandi* orientado pela pluralidade de prismas, repertórios e vivências, como já visto. O alinhamento com a complexidade de Edgar Morin (1996) é estreito. Embora não se pretenda apresentar o edifício teórico do pensador, cabe mencioná-lo. Morin adverte: dividir o conhecimento em compartimentos com especializações restritivas é estar na contramão da

busca por soluções complexas demandadas pela imensa maioria dos problemas que nos são apresentados ao longo da vida.

[...] porque sabemos que os especialistas são excelentes para resolver os problemas que se propõem em sua especialidade com a condição de que não surjam interferências com fatores pertencentes a especialidades vizinhas e com a condição de que não se apresente nada novo nos problemas expostos. O problema é que, enquanto aparece uma novidade ou uma interferência, o *expert* se equivoca um pouco mais seguidamente que o *não-expert* (MORIN, 1996, p. 276).

De volta ao episódio com o qual nos ocupamos. O que se percebe, ao longo do programa de número 102, é que a preocupação não está depositada, exatamente, na análise da anunciada política pública de João Doria, mas na sua efetividade; e, sobretudo, na vida das pessoas de rua diretamente atingidas por ela. Vamos a maneira como o fato é apresentado para, mais tarde, deitarmos atenção sobre as considerações pertinentes. A apresentadora Cris Bartis assim anuncia o tema:

Vamos então pro *trending topics* número 1: assistência a moradores de rua. O prefeito de São Paulo, João Doria, lançou no dia 21 desse mês [março de 2017] o programa *Trabalho Novo* com a missão de empregar pessoas que hoje moram nas ruas. Para isso, o prefeito fechou parceria com o Sindicato de Conservação e Limpeza da cidade para que reservem vagas de varredores nas empresas privadas para atender o programa. A meta é conseguir empregar 20 mil pessoas até 31 de dezembro. As empresas pagarão salário mínimo mensal que é R\$ 937,00, além de vantagens como plano de saúde. Não haverá dinheiro público no programa e, para conseguir a vaga, os candidatos terão que se comprometer a deixar as ruas em até 90 dias. Uma opção será morar nos antigos albergues, que passarão a se chamar *Espaço Vida*. O Governo Estadual também será parceiro do programa, cedendo serviço do Poupatempo para moradores de rua conseguirem obter documentos necessários para sua contratação. A medida é boa? Com certeza. Ela é efetiva? Vamos conversar um pouco sobre isso (MAMILOS, 2017, episódio 102, 11:33 - 12:26).

A discussão sobre a efetividade da política pública tornou-se o ponto de inflexão que deu o tom para o debate. Tratou-se de um convite imediato e simultâneo para a escuta da pergunta e para a relativização do fato; ao invés de, simplesmente, negociarem a chancela da política pública em análise. Ao longo do programa, Vitor e Fernando discutiram as razões que levam alguém a morar nas ruas, a dificuldade enfrentada para o estabelecimento de vínculos psicoafetivos, os problemas relacionados à moradia urbana na capital paulista e, como ilustração, um detalhamento sobre o caso da “Cracolândia”, denominação corrente dada à área localizada na região central da cidade de São Paulo e caracterizada pela concentração de dependentes e usuários de químicos.

Uma passagem da edição ilustrou bem o gesto em direção ao combate de conceitos rasos e desagradavelmente classificatórios da população lá instalada. Vitor Brumatti discorreu sobre a insuficiência dos 937 reais oferecidos como remuneração pelo programa. Diante dos altos gastos que um ex-morador de rua passa a absorver — aluguel, alimentação, entre outras despesas, a quantia inviabilizaria uma vida digna. Após o apontamento feito por Vitor, Fernando Duarte assumiu ter mudado sua opinião sobre o assunto:

A primeira impressão que eu tive quando eu vi essa proposta do Dória era de que, ‘pô, parece legal, vai dar algum tipo de esperança, alguma motivação da pessoa, que às vezes também não tem mais vínculo nenhum, não tem responsabilidade nenhuma’, e, de repente, é algo pra fazer as coisas andarem, né. Então a primeira impressão que eu tive foi legal, foi bacana. Agora, vendo você fazer essa discussão toda, que eu fico mais preocupado com essa questão do valor dos 937 [reais], e de que não é tão simples assim pra ela [pessoa] sair da rua, recebendo esse dinheiro, o que ela faz, tudo. Então assim, quero muito ver onde que vai dar essa história (MAMILOS, 2017, episódio 102, 47:14 - 47:52).

Interessante notar que o exercício de empatia e alteridade — hora e outra praticado ou recomendado pelas apresentadoras do programa — também alcançou os convidados. A mudança de perspectiva em relação a determinado posicionamento, a partir da escuta atenta, fez-se concreta no próprio espaço sonoro construído pela atração, em partilha com os que vivenciaram aquela edição a partir do som. Parece-nos um bom exemplo, uma evidência de que o ambiente comunicacional, o enredamento do processo de comunicação do podcast *Mamilos* carrega consigo potencial vinculador, uma vez que a dinâmica associativa pressupõe a empatia.

Se o estado empático — que pouco a pouco demarcamos aqui — supõe que todo o corpo esteja disponível, animado por uma espécie de apetite sensorial, interessado em se abrir para o outro, naturalmente, vê-se contemplada a audição, cujas raízes discutimos no primeiro capítulo da dissertação. “Escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz, que vem de outra parte. Essa voz, dirigindo-se a mim, exige de mim uma atenção que se torna meu lugar, pelo tempo dessa escuta (ZUMTHOR, 2000, p. 98). Não se podem perder de vista tais ideias sobre a voz, a vocalidade, haja vista que, centrais na produção dos sons humanos, estão fundeadas sobre uma forma arquetipal, indissociável do sentimento de sociabilidade. É a constatação de que, ao ouvir uma voz ou emitir nossa própria voz, para além do som que produzimos, nós anunciamos, expressamos, divulgamos, declaramos: não estamos mais sozinhos no mundo (ZUMTHOR, 2000).

Num segundo momento, o programa foi pautado por uma discussão sobre as ideias implicadas em “empatia”. Estudos conduzidos pela Escola de Administração de Frankfurt⁷, divulgados naquele ano, 2017, relativizaram o conceito e revelaram o que seria uma contrapartida desfavorável. Apesar de contar com amostras bastante limitadas, o estudo concluiu que empatia em excesso pode nos fragilizar ao permitir que nos sintamos responsáveis pelo que os outros sentem — o que pode trazer impactos negativos para nossa saúde. Juliana Wallauer estabeleceu correlação entre a pesquisa alemã e o mais novo livro do professor de psicologia da Universidade de Yale, Paul Bloom, que se autodeclara um inimigo da empatia. Bloom havia lançado, naquela semana, a obra *Contra a Empatia: por uma compaixão racional*.

Apesar de indisponível no Brasil naquela ocasião, o livro mobilizou a atenção de muitas pessoas, pois, nele, Bloom se esforçou para provar que a identificação com o sentimento de aflição de um outro não deve nos nortear — isso porque sentir a dor do outro embaralha nosso julgamento, favorece respostas irracionais e contribui para que se mantenham as desigualdades do mundo. Juliana, então, perguntou: “E aí gente, empatia é uma habilidade que nos enfraquece nos deixando mais sensíveis pra sobreviver num mundo brutal?” (MAMILOS, 2017). É curioso notar o ângulo de análise sobre a empatia, aconselhado por Paul Bloom, sobretudo, se comparadas suas ideias às de Cyrulnik. Embora o etólogo francês não seja citado pelas apresentadoras, é evidente o abismo que separa as duas construções de empatia. Bloom nos é apresentado como alguém que vê na empatia um problema. É difícil supor que o autor se sente preocupado em relativizar a empatia ou enquadrá-la sob um prisma complexo. Postura diametralmente oposta àquela buscada pelas apresentadoras:

Empatia significa a capacidade psicológica pra sentir o que sentiria uma outra pessoa caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela. Então ser empático é ter afinidade e se identificar com outra pessoa. É saber ouvir os outros, compreender seus problemas e emoções. A empatia pressupõe uma comunicação afetiva com outra pessoa e é um dos fundamentos da identificação e compreensão psicológica de outros indivíduos. Parece ser também uma das palavras da moda. Enquanto a tendência de individualização domina o cenário, é natural que se forme um movimento em sentido contrário, buscando equilíbrio [...]. A maior polarização dos debates políticos e sociais em todo o mundo e os impasses que a abordagem

⁷ O estudo está disponível no link:

https://www.researchgate.net/publication/301217495_Predicting_Stress_From_the_Ability_to_Eavesdrop_on_Feelings_Emotional_Intelligence_and_Testosterone_Jointly_Predict_Cortisol_Reactivity

do confronto cria, os danos que causam pra família, grupos de amigos, em última análise, pros países, tem nos empurrado pra buscar uma solução de coexistência com maior tolerância e flexibilidade, aumentando o interesse por entender o que é empatia e como ela pode nos ajudar. Assim, empatia tem sido objeto de estudo da psicologia e sociologia (MAMILLOS, 2017, episódio 102, 50:00 - 51:01).

Introdução à parte, nota-se, conforme a edição avança, que os convidados negociam o conceito de empatia. Todos interessados em um denominador comum, desocupados da urgência classificatória — estão engajados em ajustar possíveis sentidos, em construir uma noção comum a partir da resultante do diálogo. Eis a linha seguida por Fernando Duarte, ao ser também alcançado pelo convite de Juliana Wallauer para refletir sobre a empatia, com respeito e consideração, apesar da recusa instantânea das ideias de Paul Bloom. Fernando anuncia seu posicionamento e o diálogo conseqüente nos parece revelador:

Fernando: Eu acho que essa discussão é muito boa, principalmente, porque esse texto, né, que o Paul Bloom inventou de fazer esse livro, né, confundiu muita gente. Nossa, Ju, a primeira vez que você pegou e me falou dessa entrevista desse cara, desse psicólogo: ‘ah tá, ele tá lançando um livro contra a empatia’. Pô, a primeira reação foi uma revolta assim, falei: ‘quem é esse maluco, o que ele tá falando, meu?’. Caramba, pô, a gente faz uma campanha a favor da empatia todo dia e daí vem esse cara falando que isso é um problema, né? E mesmo quando eu li a entrevista que ele deu, se não me engano foi a Folha, ainda não me ficou claro, porque me parecia que aquilo que ele tava falando faz sentido, mas tava me parecendo confuso, né? E eu até vou, depois eu vou deixar o link de uma entrevista que esse cara deu lá no Carnegie Hall, alguma coisa assim, acho que em Nova York, onde ele fala, ele explica a teoria dele, explica o livro dele por 30 minutos, depois ele responde questões por 30 minutos. Ouvindo ele falar fica muito mais simples, tá? Basicamente a Ju enfim, definiu mais ou menos o que seria a empatia logo no começo tá, que seria essa coisa da gente se colocar no lugar do outro, entender os pensamentos, sentimentos do outro, tá, e isso também sempre foi a empatia pra mim; ou seja, a palavra chave seria ‘compreensão’, ‘entendimento’, essa seria a palavra chave da empatia pra mim. Pro Paul Bloom não é, tá? Então o Paul Bloom ele, ele, ele fala que existem essas diferenças de semântica, de significado, mas ele fala que assim: tem pessoas que definem empatia como tudo que há de bom no mundo, como amor, como solidariedade, empatia e ele fala: “tudo bem, não sou contra isso, não sou contra o amor, não sou contra a solidariedade, pelo contrário, sou a favor”. Aí ele fala: ‘tem pessoas que entendem a empatia como entender o que os outros pensam e sentem’.

Juliana: Uma questão mais lógica, mais racional.

Fernando: Isso! É mais mental até. E quanto a isso, ele também não é contra, mas ele prefere definir empatia como ‘você sentir a dor que o outro sente’.

Juliana: Sim, mas esse é um conceito que a gente também já defendeu aqui no *Mamilos*, que a diferença entre simpatia e empatia é que a empatia pressupõe você de fato sentir, ela tem uma dimensão que não é só lógica, que não é uma dimensão só mental, ela realmente, de fato tem a ver com

criar conexões e criar, estabelecer uma conexão afetiva, emocional com a experiência que a pessoa tá passando.

Fernando: Sim.

Cris: [interrompe] Então, mas o fato de você se colocar no lugar da outra pessoa, você pode até sentir, você pode entender, você pode compreender, não quer dizer necessariamente que você concorda e que você dá razão pra pessoa porque ela agiu daquela maneira; porque quando ele fala, o problema pra mim do que acontece ali no Bloom é o tipo de definição que ele deu pra empatia, ele criou uma definição dele pra empatia e ele fala: ‘viu, isso é errado e faz mal’. Então, na real, assim, no mundo, qualquer coisa usada errada faz mal, nem água você pode beber demais se não seu corpo não retém os nutrientes, então assim, tudo que você usar, se você usar de uma maneira incorreta, ela faz mal, isso não quer dizer necessariamente que a empatia, o conceito, a forma, ela é errada, ela faz mal pro mundo (MAMILOS, 2017, episódio 102, 52:27 - 55:58).

A maneira dialógica e respeitosa com que se discutem noções de empatia nos é de interesse, exatamente, por se revelar empática. A partir das contribuições de Boris Cyrulnik, um dos principais referenciais teóricos desta pesquisa, parte significativa do diálogo destacado poderia ser ainda mais temperado — exemplos de situações pertinentes, debate a respeito do vínculo (e da empatia como um pressuposto), as diferenças entre simpatia e empatia, a preferência pelas noções em detrimento das definições, entre outros pontos. Conforme nos aprofundamos no raciocínio do etólogo, constatamos a íntima associação entre *diálogo*, *empatia* e *ambiente vinculador* — descendentes os termos sublinhados da troca de impressões e opiniões tal modo comprometida com o outro que é capaz de conduzir o indivíduo para fora de si, das suas crenças, das suas experiências, dos seus pontos de vista.

Parece cada vez mais madura a ideia de que o ambiente sonoro do podcast *Mamilos* oferece substanciais evidências de vinculação e acolhimento, coerentemente com a missão do programa e sua proposta editorial. Chega o momento de refletir sobre a prática jornalística no interior desse contexto. Qual a leitura que as apresentadoras fazem do jornalismo dentro da atmosfera do programa *Mamilos*? A empatia e o vínculo sonoro facilitam, potencializam, fortalecem o fim jornalístico a que *Mamilos* se propõe? E como se dá a relação com o ouvinte? São algumas das reflexões para as quais avançamos.

Todos os organismos, para se adaptarem, devem inovar, tentar uma aventura fora da norma, engendrar anormalidade, a fim de ver se corre bem, pois viver é correr um risco

Boris Cyrulnik

3. MAMILOS: JORNALISMO DE PEITO ABERTO

3.1 Jornalismo e *Mamilos*: possíveis reflexões

O jornalismo está a serviço de quê? A pergunta em si já suscitaria uma dissertação extensa. No raciocínio aqui construído, assumiremos o jornalismo como área da comunicação social preocupada em oferecer informações para equipar, fortalecer e preparar o cidadão com as ferramentas imprescindíveis para a vida em sociedade. Desde uma acepção basilar, entenderemos o jornalismo como prestação de serviço, como um meio para a reflexão social, como uma instituição também responsável por tornar claros os direitos do indivíduo, munindo-o com informações relevantes e pertinentes para o interesse público (TRAQUINA, 2005). A imprensa como um elo permanente entre a opinião pública e as instâncias governamentais, por exemplo.

O primeiro tópico deste capítulo tem por objetivo propor um diálogo entre as noções de jornalismo encampadas por Cremilda Medina e Nelson Traquina e as noções de jornalismo reveladas pelas próprias apresentadoras do programa *Mamilos*, colhidas ao longo de julho de 2019. Sem perder a atenção dada às passagens do programa, consideraremos a permuta crítica entre os referenciais teóricos de capítulos anteriores e as opiniões de Juliana Wallauer, uma das apresentadoras – Cris Bartis não teve condições de participar da entrevista. Passamos do diálogo com os autores que nos ajudaram a compreender o podcast *Mamilos* para o diálogo com uma de suas protagonistas. A partir deste capítulo a dissertação está marcada por esta conversa crítica com Juliana, num exercício instigante que desenha paralelos, intersecções e complementariedades entre as linhas de pensamento aqui consideradas.

É possível sugerir, então, que *Mamilos* alça um voo original, capaz de romper com os estereótipos e a superficialidade, numa linha narrativa preocupada com a empatia, a afetividade e múltiplas perspectivas. Construir pontes, premissa do programa, só pode se dar a partir de um olhar diferente, praticante da alteridade. Cremilda Medina, professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP), é das vozes de referência quando se busca compreender melhor o jornalismo enquanto área da comunicação social. No livro *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*, ela nos impele a refletir sobre a escassez da postura crítica e densa na produção de conteúdo midiático:

A mínima parcela dos grupos se permite um voo original que transcende o explícito e o apreensível segundo os estereótipos mentais — uma descrição estática, superficial e esquemática do acontecimento vivo. Essa minoria transnarra o objeto de observação, funde nele sua experiência, humaniza os

movimentos da cena e se permite o exercício da intuição ao passar, no subtexto, os mistérios não controlados pela lógica do senso comum (MEDINA, 2003, p. 50).

Nessa direção, o convite à generosidade e à empatia, renovado a cada início de programa, o qual contribui para um potencial ambiente sonoro de vinculação como já pontuado, pode ser um dos maiores diferenciais do conteúdo jornalístico que *Mamilos* se propõe a compartilhar com seus ouvintes. Parece ser este o ponto de partida para criação de um ambiente mais propositivo, aberto e fértil em oposição à defesa de teses, pontos de vista, reafirmação de certezas ou de convicções inegociáveis. Soa adequado compartilhar divagação de Juliana Wallauer, quando, na edição de número 116 — cujo tema foi *distritão e fundo de campanha* — discorre sobre o recurso da “desconstrução” sugerida aos ouvintes e, muitas vezes, praticada por ela e pela própria equipe:

A gente não pede um exercício para vocês que a gente não faça. A gente se desconstrói todos os dias, muda todos os dias. Não é porque eu falei [algo] no ar que eu continuo pensando isso [...]. E é pra isso que a gente tá aqui, não é para ter certezas, mas é para seguir se questionando. Vamos juntos nessa jornada! (MAMILOS, 2017, episódio 116, 9:56 - 10:25).

Se, por um lado, ao se lançar como produto jornalístico, *Mamilos* assume certo modelo de abordagem do real, por outro, o mero compromisso com o questionamento, com a abertura para dúvidas e com a alternância de opiniões, aumenta a possibilidade de um recorte atento para a complexidade que caracteriza as relações humanas. Como qualquer meio de comunicação, *Mamilos* seleciona, delimita e ergue parâmetros para o diálogo com o outro, baseando-se em critérios próprios. No entanto, se o recorte é inevitável porque a realidade é irreprodutível desde sua plenitude, tanto melhor quando feito com ética e equilíbrio entre perspectivas.

Ao refletir, criticamente, sobre a produção de reportagens jornalísticas, Cremilda Medina (2003) propõe um olhar afetivo e empático como forma de resistência. A autora elenca a má distribuição da renda simbólica, a crise da modernidade, a crise das gramáticas das redações e a ausência de outros elementos para se compreender a crise narrativa vigente. Neste cenário, *Mamilos* tem estabelecido território de respeito, propondo-se praticar jornalismo com afetividade. “A vertente mais desafiadora, porém, se pauta pela atitude pragmática de ir ao encontro das vivências cotidianas e colhê-las não com a metodologia explicativa, mas sim com os afetos e as simpatias da compreensão” (MEDINA, 2003, p. 57).

Se, por um lado, *Mamilos* não apresenta reportagens em seu conteúdo, por outro, ao exhibir debates norteados pelos valores que destrinchamos até aqui, reafirma-se como

produção de conteúdo no terreno opinativo, interpretativo, reflexivo e imersivo do cotidiano. Num paralelo ousado, poder-se ia dizer que a resistência exercida pela cultura do ouvir — em meio a uma sociedade cujas relações são mediadas, predominantemente, por imagens — está para a resistência exercida por *Mamilos* em meio ao automatismo, ao esquematismo e à previsibilidade das narrativas jornalísticas.

As práticas dialógicas requerem generosidade, empenho e ação criativa. Talvez por isso constituam a saída em qualquer emergência da crise. Os impasses, as impotências ou os paradoxos do caos só projetam um encaminhamento dinâmico se houver diálogo. Pelo menos em sociedade, a dialogia dá forma a atos emancipatórios” (MEDINA, 2003, p. 54).

Mamilos é um produto sonoro estratégico para investigação da dinâmica, do funcionamento e da força de resistência da dialogia e da empatia como pressupostos para um ambiente vinculador — o qual deve, segundo nossa hipótese de trabalho, potencializar a comunicação jornalística pretendida. Não seria esse o reencontro entre o jornalismo e sua missão fundadora, a saber, o compromisso com os pilares do Estado Democrático de Direito? Com base nas contribuições de Nelson Traquina — um dos pioneiros dos estudos sobre o jornalismo, autor de notória eloquência e conhecimento sobre a área —, concluímos que a compreensão do jornalismo como prática profissional depende de uma consciência ética e de comprometimento com informações apuradas, capazes de fortalecer e preparar o cidadão, mirando os subsídios imprescindíveis para a vida em sociedade (TRAQUINA, 2005).

Como as apresentadoras Juliana Wallauer e Cris Bartis compreendem o jornalismo? Juliana conversou conosco durante o mês de julho de 2019. O objetivo do diálogo era desvelar o entendimento das apresentadoras e sua equipe editorial em relação ao jornalismo. Também nos era de interesse os critérios implicados na seleção de assuntos e a dinâmica de condução do programa. Juliana revelou que tanto ela quanto Cris entendem que o jornalismo pode ser enquadrado como o poder que emana do povo. E, lançando mão das histórias narradas, tornando transparentes os interesses por trás das escolhas e das ações de outros poderes, contribuem por meio da publicização de informações relevantes — algumas delas cruciais, a exemplo daquelas que colaboram para que pessoas possam se entender como sujeitos de direitos. Partindo do pressuposto de que a democracia é um regime através do qual a maioria escolhe, deve-se manter a informação na ordem do dia; sendo o papel do jornalismo prover tais informações com qualidade para o público. Dito de outro modo, levantar, sondar, investigar, acompanhar o uso do poder de todas as esferas e prestar contas para sociedade é também incumbência do jornalismo. E Juliana propõe que a área conte, ainda, histórias que

nos façam criar ou desenvolver um senso coletivo, um senso compartilhado de realidade. Contar sobre a vida, contar sobre as escolhas, contar sobre as pessoas. Falar sobre o que importa para comunidade também é uma das funções do jornalismo (WALLAUER, 2019.).

Eis, assim, um ponto delicado: o que importa? O que *não* importa? O cotidiano jornalístico desafia seus profissionais em relação ao adensamento temático e o dever ético da apuração, associadas as tarefas aos curtíssimos prazos de entrega — uma vez que o tempo do jornalismo é o tempo presente, urgente, da necessidade de recortar, escolher, delimitar. Não à toa, para viabilizar a entrega dos conteúdos no ínfimo tempo disponível, o jornalismo construiu um conjunto de critérios, regras e noções éticas ocupadas com o rareamento das distorções e com aquilo que é, senão, o mais *justo* possível. Como nos convida a refletir Cremilda Medina (2003), há técnicas, fórmulas e esquemas utilizados pela área jornalística desde o século XIX. No entanto, a realidade capturada pelo jornalismo não se submete aos desmandos sistematizadores, mas à inventividade estética demandada por uma narrativa do cotidiano. Contra o automatismo da área, Medina salienta:

O embate se trava no momento em que é preciso abandonar o confronto das fórmulas engessadas dos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano. Inverter a relação sujeito-objeto do técnico em informação de atualidade para a relação sujeito-sujeito do mediador social, para além de ser um problema epistemológico, é uma fogueira em que se queimam as certezas, as rotinas profissionais, o ritmo mecânico do exercício jornalístico (MEDINA, 2003, p. 40).

Mamilos parece disposto ao abandono do maquinismo opinativo. Juliana Wallauer comenta que a escolha dos temas que pautam o programa obriga à pesagem, antes de qualquer outro critério, dos potenciais de debate, de discussão, de polêmica e de ideias plurais. É daí que começa o processo para, por meio do diálogo, investigar os pontos de vista possíveis. Se as apresentadoras identificam determinada demanda de sentido — por exemplo, muitos comentando um escândalo de corrupção ou a reforma da previdência, a equipe se reúne para a elaboração da pauta, esforçando-se para iluminar os diversos sentidos em jogo. Interessante refletir, desde o raciocínio de Wallauer, sobre a polêmica como ponto de partida para o esclarecimento, especialmente, porque em meio à boataria e as *fake news*, nota-se uma preocupante inversão de ordem que, por vezes, torna vulnerável o esclarecimento. “Por exemplo, terraplanismo. Não vai ser nunca tema do *Mamilos*, não tem polêmica aí. Infelizmente não tem polêmica, é uma conversa de dois minutos. Então não é um tema de *Mamilos*” (WALLAUER, 2019).

Para além das *fake news*, constata-se no jornalismo uma crise, cujas evidências vão além dos constantes enxugamentos de equipe e de custos, das rotinas estressantes e intensas que inviabilizam narrativas densas, ou mesmo da desvalorização material e simbólica da área. Há uma crise no olhar jornalístico (MEDINA, 1999). Agravada por todos os outros fatores citados, mas cuja origem os antecede. *Mamilos* surge acima das pressões jornalísticas, delas protegido, numa origem mais associada à vontade e ao desejo pessoal das apresentadoras do que a um objetivo determinado por outros, pelas “da área”, pela “área em si”. Aliás, cabe o adendo, tanto Juliana Wallauer quanto Cris Bartis são publicitárias. Juliana reconhece que aprendeu com a publicidade a preocupação de como explicar temas complexos para as pessoas de uma forma rápida e acessível, como adaptar a linguagem para conversar com diferentes públicos em diferentes contextos, como incluir quem quer que fosse. Ao longo da construção identitária do podcast *Mamilos*, foi sendo possível transformar o ideal em gesto narrativo; isto é, se quando estavam totalmente dedicadas à publicidade Juliana e Cris mergulhavam toda semana numa marca diferente, num mercado diferente, numa indústria diferente, numa lógica diferente, a imersão foi transplantada para os assuntos da pauta.

A gente não tinha nenhuma pretensão com o *Mamilos* de fazer jornalismo, *Mamilos* é um projeto pessoal que foi criado pra gente ver os assuntos que nos interessavam serem discutidos e debatidos de uma forma que a gente gostaria e que a gente não via. Então é, primeiramente, uma resposta pra gente como consumidoras de conteúdo. A gente via várias discussões polêmicas sendo travadas por pessoas que tinham absolutas certezas que a gente não tinha. E tudo parecia muito óbvio exceto pelo fato de que quando você ouvia pessoas de posições diferentes, eram óbvias coisas completamente opostas. Então como pode ser óbvio que sim ou que não? Deve ter algum meio termo, algum ponto de convergência das coisas, um ponto em comum. Por a gente não ver as coisas serem tratadas dessa maneira, a gente resolveu fazer o *Mamilos*. (WALLAUER, 2019).

Juliana Wallauer esclarece que a escolha pelos temas atende ao interesse que ambas têm por determinado recorte do real. *Mamilos* surgiu como um projeto paralelo entre o trabalho profissional e as demais atribuições das apresentadoras, não fazendo sentido se dedicarem a algo pelo qual não se interessavam ou por discussões consideradas irrelevantes. Dito de outra maneira, elas preservam e valorizam a própria subjetividade e o autoconhecimento. Juliana enfatiza o estado de alerta para fugir de abordagens engessadas, superficiais, rasas. Como já consideramos aqui, empobrece, limita e desidrata a área jornalística o uso corrente de fórmulas, chavões, cargas conceituais e mesmo dados puramente estatísticos quando estes se sobrepõem às histórias e às pessoas. O jornalismo de qualidade tem preferência “[...] pela informação humanizada, vivida, exemplificada na cena cotidiana e

protagonizada pelos heróis da vida contemporânea” (MEDINA, 1999, p. 53). É contra um jornalismo de aspas que chancelam determinada visão de mundo sem dar chance ao contraditório, à divergência, à diferença. E é essa postura, sobretudo, que nos tem interessado investigar.

Muitas vezes eu me sinto perdida porque não há diálogo entre as duas partes, então eu não sinto que estou tendo uma imagem completa do problema. [...]. É muito fácil pra gente fazer os programas porque, via de regra, a gente não sabe nada de nenhum dos temas que a gente aborda, então eu faço uma pesquisa para eu entender aquele tema e eu compartilho com a audiência isso. Qual é o cenário? Qual é o contexto? Quais são os números que são importantes para eu entender isso? Quais são os atores que estão envolvidos? Por exemplo, vamos falar de autismo, precisamos de alguém que sofre de autismo na mesa. Só que esta pessoa vai ter a visão dela, ela não vai falar por todos. Se eu pegar um profissional, por exemplo, uma fonoaudióloga que trabalhe com autistas, ou uma ONG que trabalhe com esse público, eu tenho uma visão mais geral. Se coloco uma mãe, um acadêmico que pesquisa, eu vou ter uma outra visão. São abordagens que se complementam para oferecer uma compreensão melhor sobre o fenômeno, é tão simples quanto isso (WALLAUER, 2019).

Nota-se uma afinidade entre o que almeja *Mamilos* e os apontamentos feitos por Cremilda Medina. Como indica a pesquisadora, mais que paradigmas científicos, no cerne da profissão jornalística, estão em jogo visões de mundo, distintos pontos de vista (2003). No universo simbólico, é justamente a dialogia dos sentidos que mobiliza uma “observação dos partícipes da vida local; mobiliza também uma percepção ensaística criativa, perante a imprevisível ação sociocultural; e mobiliza ao mesmo tempo a capacidade racional de estabelecer relações complexas” (MEDINA, 2003, p. 56). Ironicamente, Juliana e Cris não se consideram jornalistas. Por não terem a formação específica na área, preferem pesar a responsabilidade e o questionamento que as acompanham programa a programa, com a humildade de se perguntarem sobre boa parte do que está em torno da atração. “A gente se questiona sobre quem tem acesso à mesa, por que tem acesso à mesa, se a gente deve se deixar ser pautada por algumas notícias ou se a gente deve pautar as discussões, ou se pautar as discussões é muita pretensão” (WALLAUER, 2019). Embora reconheçam que travam discussões jornalísticas e que o exercício que protagonizam é próprio do jornalismo,

Sobre a formação jornalística, Nelson Traquina (2005) nos convida a refletir a partir de Pierre Bourdieu. E, segundo Bourdieu, os jornalistas partilham estruturas invisíveis, ângulos, prismas, óculos através dos quais veem certas coisas e não veem outras. “O jornalismo acaba por ser uma parte seletiva da realidade. Nesta construção teórica do jornalismo, apontamos que os membros da comunidade profissional partilham não só uma

maneira de ver, mas também uma maneira de agir e uma maneira de falar, o ‘jornalês’” (TRAQUINA, 2005, p. 30). A fim de evitar uma linguagem que exclua — e na ocasião da elaboração de cada episódio do podcast *Mamilos*, os temas são enquadrados, apresentados e construídos junto ao ouvinte. Exemplo compartilhado por Juliana é o filtro de equilíbrio perseguido pela equipe editorial: quando já se abordou muito determinado assunto num curto intervalo de tempo é hora de voltar à prancheta. Nesses casos, mesmo que haja uma polêmica em pleno curso, os responsáveis pela pauta tendem a mudar a abordagem; até mesmo para permitir novo distanciamento capaz de, mais tarde, favorecer o adensamento do assunto. Mesmo atentas para abordagens caracterizadas por Juliana como “pesadas”, as quais apontam para uma miríade de problemas, denúncias e desesperança, acreditam que o equilíbrio se faz na busca por recortes mais “leves”.

A gente entende que a nossa responsabilidade não é só mostrar o que está acontecendo no mundo e trazer os debates, mas a gente tem que ter uma responsabilidade sobre como nós deixamos as pessoas depois. Então, sempre que a gente vai abordar um tema, a gente fica preocupada em relação ao estado que as pessoas ficaram por conta desse programa. A gente tenta equilibrar isso, um pouco questionando, um pouco esperançoso, um pouco reflexivo, um pouco preocupado. A gente tenta equilibrar essa dieta de informação que a gente oferece para as pessoas (WALLAUER, 2019).

As evidências colhidas até aqui nos permitem dizer que o programa *Mamilos* está comprometido com uma abordagem e condução de fronteiras flexíveis, vivas, que expandem e se retraem na mesma proporção em que abraçam mais dados, informações, depoimentos, vozes e questionamentos abertos em detrimento das certezas inegociáveis. E nesse ambiente comunicacional, como ficam os ouvintes? Até o momento, refletimos sobre o potencial vinculador do ambiente sonoro de *Mamilos*; ambiente este compartilhado com o ouvinte. É possível identificar indícios sobre a presença dos ouvintes no interior da atmosfera sonora do programa, edição a edição? Eis o assunto do nosso próximo tópico.

3.2 Entre conexões e vínculos: *Mamilos* e os ouvintes num espaço de encontro

É chegada a hora de nos aprofundarmos na rede que *Mamilos* dá conta de construir, considerando a maneira pela qual a relação com o ouvinte é trabalhada. A aproximação entre as noções de *rede* e de *vínculo* nos interessam, especialmente, desde que o conceito de *rede* não se confunda com a ideia de conexão circunscrita aos aparatos técnicos. Atentos para uma diferença que é basilar, não incorreremos na negligência ou descuido porque alertados por Malena Contrera, pesquisadora especialista nas noções de vínculo, a partir de Cyrulnik. Escreve a pesquisadora:

Os estudos relativos às teorias da Comunicação e da Mídia só há poucos anos têm dado a devida atenção às questões relativas ao vínculo. Ainda hoje, a maior parte dos trabalhos que esbarram nesse tema se restringe a igualar o vínculo a ‘conexões tecno-instrumentais’. Na melhor das hipóteses, vemos serem consideradas apenas as dimensões sociais e políticas das relações comunicativas, enquanto sua natureza imaginária, afetiva, emocional [...] é tacitamente ignorada (CONTRERA, 2012, p.1).

Para demarcar tal diferença, podemos fortalecer a noção de *vínculo* — conexão profunda entre duas ou mais pessoas, algo que não se limita à noção de *conexão técnica*. Em palestra conferida na Faculdade Cásper Líbero, no dia 9 de novembro de 2017, Malena Contrera ressaltou que, enquanto a conexão técnica restringe-se aos aparatos técnicos, é superficial e própria dos sistemas fechados, o vínculo opera na dimensão psicoafetiva com muito mais profundidade:

Há uma enorme diferença entre sistemas artificiais e sistemas vivos; sistemas menos complexos e sistemas mais complexos; sistemas fechados e sistemas abertos. Quando a gente fala de rede artificial, de web, de conexão eletrônica, a gente está falando de alguma forma de redes, sistemas, até falantes com outros sistemas, mas ainda assim sistemas fechados, dentro de linguagens mais ou menos únicas (CONTRERA, 2017).

Contrera defende a aproximação entre os conceitos de *rede* e *vínculo*. Porque não se escolhe entrar na rede. O ser humano é rede. Atravessado e determinado por vínculos psicoafetivos, símbolos, mitos, arquétipos etc. O vínculo incluía a vivacidade da natureza humana, com suas dimensões biológica, psicológica, sociológica e cultural, entrelaçadas e articuladas. Deve-se pontuar que o termo *vínculo* não pretende idealizar as relações humanas nem superestimá-las. O vínculo é a coesão da rede, é consumo mútuo de quem está por ele envolvido nela — consumo não no sentido capitalista-industrial, mas no sentido biológico, no nível humano mais puro. Dentro da dinâmica de rede a que nos referimos aqui, o vínculo dá-

se enquanto laço estreito, forte e duradouro. Complexo, pode contemplar tanto a psicoafetividade quanto a psicoanimosidade. O vínculo é aquilo cuja dinâmica pode tanto tornar vulnerável quanto figurar como maior força possível — uma compreensão inequívoca do vínculo não deve desprezar a ambivalência que lhe é peculiar (CONTRERA, 2018). Isto é, num ambiente vinculador podem se dar rupturas, discussões, divergências (CYRULNIK, 1997).

Por encontrar no respeito, na alteridade e no tom acolhedor valores fundamentais, por aderir à uma dinâmica empática e dialógica em sua essência, o podcast *Mamilos* parece manejar muito bem aquela ambivalência, mesmo quando divergências são levadas para a mesa de debate. Em outras palavras, é possível afirmar que *Mamilos* equilibra e suaviza a dinâmica ambivalente do vínculo, numa postura que sugere familiaridade com essa noção e maturidade para evitar qualquer tom excessivo — muito em função da empatia e do diálogo que lhe são basilares enquanto ambiente comunicacional.

Insistimos nas reflexões que tensionam um paradoxo. O ambiente comunicacional de *Mamilos* tem potencial vinculador, mas o vínculo pressupõe copresença. O programa é compartilhado com os ouvintes desde a mediação técnica, portanto, sustentando certa distância entre os corpos dos debatedores e os corpos dos ouvintes. De que maneira a conta é fechada? Para avançarmos no raciocínio desde uma perspectiva da complexidade, vamos nos aprofundar ainda mais na distinção entre conexão profunda, vínculo e conexão técnica. De saída, Contrera difere os chamados seres da Noosfera e os da Mediosfera. Enquanto os primeiros nascem de relações de sentido, via de regra coletivas, no interior de um ambiente de sociabilidade, cujo caráter emocional não pode ser desconsiderado e cujo norte é o da empatia, os seres da Mediosfera costumam surgir das relações projetivas, mais próximas da ideia de simpatia. Em suma, os seres da Noosfera estão mais próximos dos vínculos empáticos, distinção que merece ser destacada (CONTRERA, 2012).

Na tentativa de reconhecer as especificidades e particularidades de cada uma destas noções, Boris Cyrulnik reflete sobre o modo pelo qual a evolução tecnológica — e a consequente conexão técnica — deparou-se com uma fratura previsível e dificilmente incontornável. Apesar dos benefícios, dos ganhos e das possibilidades, torna-se quase impossível viver em conjunto. O autor atenta, tomando por base as grandes cidades, por exemplo, que “[...] as pessoas já só se encontram no interior de um mesmo mundo partilhável” (CYRULNIK, 1999) e que os laços costumam ser frágeis quando a distância é

grande. A premissa de que “corpo pede corpo” é, novamente, encampada, propondo distinção entre o mundo gerado a partir da copresença e o mundo restrito às conexões técnicas:

A diferença entre os dois mundos é de ordem emocional. A magia das palavras necessita de uma empatia e de uma partilha do mundo engendrado pela copresença. Ao passo que a magia técnica permite o encontro com a representação de um outro, mas não exige, forçosamente, a sua presença. A magia das palavras provoca um êxtase coletivo, uma emocionalidade palpável que explica o mau prazer dos rumores ou do amor sentido pelas multidões, ao passo que a magia das máquinas convida ao prazer solitário. Nas sociedades da magia verbal, cada indivíduo é um equivalente do outro visto que adoram o mesmo ídolo, o mesmo chefe ou a mesma frase. A compreensão não é necessária quando se assiste a um discurso, intelectual ou político. A teatralização das palavras, o simples facto de escolher o vestuário convencional e de ir ao encontro criam um acontecimento emocional, um instante de existência que euforiza os participantes (CYRULNIK, 1999, p. 263).

Daí que as projeções e as simpatias promovidas pela sociedade midiática costumam inviabilizar o sentimento de pertencimento; afetação imprescindível para atribuição de sentido às experiências comuns. O sentimento de pertencimento a determinado grupo social nem sempre desabrocha e, com isso, no vazio da comunidade, embora as conexões se multipliquem, delas dificilmente surge o vínculo (CONTRERA, 2012). *Mamilos* parece exceção à regra. Aqui, amarramos as duas pontas da pesquisa ao recordar e sublinhar a dimensão sonora a partir da qual o programa opera. Consideradas a tridimensionalidade, a corporeidade e a tatilidade do som, o corpo que ouve garante a possibilidade de estar junto do corpo de quem fala. Ainda que não esteja. Merece ser considerada a repercussão das reflexões, das trocas e dos diálogos que, através do som, podem ecoar no corpo daquele que compartilha do ambiente sonoro construído pela atração.

Cyrulnik reconhece o potencial vinculador por trás da audição. Dada a constatação da natureza porosa — ou seja, a consideração dos sistemas vivos e abertos que somos, é constante a assimilação que se dá, *esponjosamente, no e com* meio ambiente que nos cerca. Se, como vimos, essa porosidade é o que nos torna empáticos — desde a aptidão sensorial que ela mobiliza, também a porosidade dialoga com os nossos sentidos. Segundo Cyrulnik, com o olfato é possível comover, sensibilizar e fazer o outro agir. No entanto, com outros órgãos de sentido, pode-se mais: cativar, encantar, atingir a consciência de um outro, pô-lo em estado de expectância. A partir da sonoridade, cativar um outro é se orientar pela sensorialidade organizada para agir sobre as dimensões física e mental do outro; tomá-lo. Se este outro está aberto à intrusão sensorial é porque sente que ser cativado é delicioso. “Um acontecimento sensorial e afetivo intenso que nos torna cúmplices daquele que nos cativa. É muito diferente

de uma captura, em que o outro se apodera de nós quando nos opomos” (CYRULNIK, 1997, p.95).

Parece clara a intenção de *Mamilos* em tocar através do som, incentivando a coexistência entre diferentes pontos de vista. Trata-se de um convite à compreensão de outras percepções e visões de mundo, ao entendimento de um outro e de sua perspectiva — sem que isso signifique, *necessariamente*, uma mudança no pensamento original de alguém, sem que isso implique concordância ou discordância. Há clara preferência pelo diálogo ao discurso (ainda que se considere a recursividade prevista na dinâmica desse par), pela tolerância à intolerância, pela abertura ao fechamento das questões, pela empatia ao julgamento, pelo vínculo à relação impessoal, esvaziada, oca.

Considerados os depoimentos enviados pelos ouvintes através das redes sociais digitais, lidos pelas apresentadoras de *Mamilos*, temos condições de dizer, com o cuidado de não generalizar, que as mensagens sugerem uma cumplicidade entre a audiência e a atração. Trata-se do “Fala que eu Discuto”, momento em que Juliana e Cris dialogam com as impressões e avaliações do público — sempre referentes à repercussão das edições anteriores. Como as próprias apresentadoras já revelaram em mais de uma edição do programa, todas as mensagens são lidas por elas antes, passando, portanto, por um crivo, um filtro que leva em conta a pertinência, a relevância e a originalidade dos comentários. Estudar momentos assim pode ser revelador.

Para entendermos, por exemplo, a repercussão do episódio 100, dedicado ao *sistema prisional*, devemos investigar o início da edição 101, cujo tema foi anunciado *sistema prisional — parte 2*, ou seja, nova edição sobre um mesmo assunto, considerada a complexidade suscitada pelo tema — usufruindo o debate das liberdades de tempo e aprofundamento que o podcasting oferece (VICENTE, 2018).

Cris Bartis: Nós estamos aqui mais uma semana pra abraçar vocês com essa polêmica. Não se desesperem: quem achou que o problema não tinha solução no programa passado, agora vai ver que existem, sim, algumas conversas sobre diferentes caminhos que podemos seguir. Vamo lá?

Juliana Wallauer: E vamo pro “Fala que eu Discuto”? Vou começar com um e-mail bem polêmico, do Alex Medeiros, de Curitiba, que a gente pinçou porque pode refletir o que algumas pessoas sentiram depois de escutar o programa: “Bom dia, meninas! Gostei muito do último podcast. Concordei com muitas coisas apresentadas no episódio. Concorde que o sistema prisional deve servir pra remodelar o indivíduo, pra reinserir novamente na comunidade. Já sobre a parte de regalias de presos. Sinceramente, ainda acho que são, sim, regalias. [...] Já que o Estado nos dá exatamente ‘o mínimo’, acho que os presos também deveriam ter o mínimo. Vocês falaram que eles não têm como se virar lá dentro. Eu concordo. Mas eles também têm a ‘liberdade’ de não precisar se preocupar com problemas diários

que todos os brasileiros têm. Se nós fizemos tudo certo e não temos o suficiente, por que eles têm que ter mais do que a gente? [...]. Não tô generalizando, mas isso me fez pensar muito. Tem várias ONGs que precisam de voluntários; vários asilos, onde faltam pessoas pra ajudar; colocar pra fazer manutenção em escolas, por exemplo. Seria um ganho pra todos e eles não teriam, assim, o que eu vejo como regalias. Espero que entendam o que eu tentei expor em meu comentário. Abraços e um beijo”. Então, Alex, a gente falou bastante disso no programa, né, Cris? A gente entende que isso é um problema, né, uma dificuldade, a gente não minimiza essa sua preocupação — e por isso que a gente até falou no programa. Mas eu acho que pelo menos a gente tentou demonstrar como a conclusão que se tira disso, que é: ‘bom, já que grande parte da população não tem acesso, eles também não deveriam ter’, como a prática dessa conclusão gera problemas muito sérios, tanto em relação a questões, dilemas morais, quanto a relação com problemas práticos, que é você dar toda a infraestrutura, ou dar o ambiente pra que organizações criminosas se fortaleçam na prisão; porque se você não provê o mínimo, alguém vai prover isso (MAMILOS, 2017, 2:52 – 5:41).

O ouvinte Alex Medeiros se sentiu à vontade para compartilhar um incômodo que sentira com o episódio 100 e Juliana respeitou o ponto de vista do ouvinte, apesar de discordar. A escolha pelo depoimento sugere, mais uma vez, a propensão ao diálogo. Além do depoimento de Alex, tomamos contato com as percepções de outros ouvintes. Luis Eich, por exemplo, relatou por e-mail que deitou abaixo uma série de ideias a respeito do tema. Ele se dividia entre uma perspectiva fria e distanciada — que aponta para o Estado como instância de poder pouco punitiva — e uma perspectiva mais humanizada e equilibrada — que considera o recomeço um direito do ser humano. “Creio que foi nesse episódio que começou minha jornada de aprofundamento no assunto, agora muito bem acompanhado de informações e dos mais diversos pontos de vista” (MAMILOS, 2017). A ouvinte Juliana Maia, também por e-mail, elogiou o episódio e o relacionou com outro, sobre meritocracia, reconhecendo haver bom trânsito entre as duas temáticas. “A prisão é, em última análise, o pior castigo que a meritocracia dá para aqueles que sequer tiveram condição de competir no mundo lá fora” (MAMILOS, 2017). Já Aline Lacerda, pelo Twitter, brincou: “Comecei a ouvir o *Mamilos* sobre sistema prisional pensando que isso é uma faca de dois gumes. Terminei pensando em quantos gumes uma faca pode ter” (MAMILOS, 2017). Notam-se algumas evidências de como esses ouvintes se sentiram tocados pelo programa, de como a atração os afetou.

Outro exemplo é a edição de número 116, divulgada no dia 19 de agosto de 2017. A apresentadora Juliana Wallauer refletiu sobre o impacto da edição anterior, a de número 115, de título *Venezuela em convulsão*. Ao abordar a crise política-econômica-social na Venezuela, *Mamilos* aflorou a opinião dos ouvintes. Houve quem entendesse que as duas haviam sido “excessivamente bolivarianas”. Houve, em contrapartida, quem entendesse que as duas

havia sido muito “imperialistas, pró-EUA”. Em meio às reivindicações para que o programa defendesse uma visão específica em detrimento de outra, Wallauer não desprezou as exigências, não as subtraiu do programa, mas, ao contrário e dialogicamente, fez delas uma oportunidade para esclarecimentos. Tem-se um exemplo da postura assumida pelas apresentadoras e pela equipe editorial quando o podcast é cobrado por parte do público a se posicionar de um jeito ou de outro. Consciente de que um ambiente acolhedor também demanda disciplina, Juliana Wallauer compartilhou algumas regras com os ouvintes do programa, defendendo limites e possibilidades da atração; tudo sem perder o tom amistoso e dialógico próprio de *Mamilos*:

Acho que essa reflexão se faz necessária porque é um acordo que a gente faz no *Mamilos* e tem que ser renovado todos os dias. Então assim, a gente construiu aqui, e a gente várias vezes abre o *Mamilos* falando isso, um espaço de encontro. Então, espaço de encontro não é para encontrar pessoas que pensam igual a você. É um espaço de encontro para ouvir ideias diferentes das suas. E para ouvir buscando entender. Partindo do pressuposto de que, se a outra pessoa é inteligente, bem-intencionada e tá falando uma coisa que vai completamente de encontro a tudo que você acredita, se choca com tudo que você acredita, como que ela chegou nessa conclusão? Por que que ela tá pensando isso? Escutar para entender o outro, não é pra concordar, não é pra mudar de ideia, mas para entender. É esse o exercício que a gente faz no *Mamilos*, então assim, se você escutou um programa procurando exatamente a reverberação do que você pensa, não é o *Mamilos*, o *Mamilos* não é pra isso. Então, assim, é importante que a gente reafirme o nosso compromisso. Quem ficou incomodado, a gente recebeu gente incomodada dos dois lados, e quando a gente vê que a gente recebe esse tipo de retorno é bom, então a gente fez o nosso papel [...] porque os dois lados estavam na mesma, porque, não importa se a gente concorda ou não concorda, existiu aqui o encontro e acho que é isso que a gente vem fazer (MAMILOS, 2017, episódio 116, 8:08-9:28).

No programa número 131, logo na abertura, as apresentadoras liam mensagens dos ouvintes sobre a edição anterior, cujo tema havia sido *AIDS — nova geração*. Os convidados dimensionaram números preocupantes que apontam para crescimento dos casos de AIDS e tentaram compreender como tal realidade aparece para a nova geração. As conversas daquela edição, no entanto, não ficaram restritas a AIDS, mas abordaram outras doenças sexualmente transmissíveis. Um dos depoimentos lidos foi do ouvinte Rafael, cujo nome completo não foi divulgado a fim de preservar sua identidade:

Mês passado, minha namorada fez um exame e descobriu que tinha HIV [...]. Descobri uma feridinha microscópica através de uma peniscopia que

consiste em ficar nu numa maca com o médico e com o assistente. [...]. Por um descuido e falta de acompanhamento, eu tive um impacto muito grande na minha saúde e principalmente na saúde da minha namorada. Ela ficou muito decepcionada e muito chateada comigo, pois, fui, sim, irresponsável e inconsequente e agora estou tentando reparar o dano físico e psicológico que causei nela. Estamos nos entendendo e nos esforçando para voltar a conviver como antes, mas, olha, foi um perrengue. Ela ter me perdoado e querer continuar comigo depois disso me fez sentir ainda pior por não ter pensado mais nela antes de deixar de tomar certas medidas preventivas [...]. (MAMILOS, 2017, episódio 131, 7:27-8:13).

Talvez esse depoimento seja um dos mais ilustrativos dentre os apresentados até aqui. Na medida em que se trata de um conteúdo da esfera íntima, supõe-se o grau de liberdade sentido pelo ouvinte. Afinal, num tom de desabafo, Rafael se sentiu suficientemente à vontade para expor sua vida sexual, voluntariamente.

Mamilos parece tecer uma rede de vínculos sonoros entre aqueles que o produzem e aqueles que o escutam; entre os corpos que falam e os corpos que ouvem — considerada a recursividade dessa dinâmica. Estamos diante de laços que unem dois espaços. Vincular no sentido de construir um elo, estruturar um espaço comum, a base sólida para a comunicação acontecer. Nós entendemos que a sociedade se constitui a partir de um conjunto de vínculos, de uma rede de vínculos da qual ser humano algum consegue escapar. Seja pelos vínculos que o precedem — como os familiares — seja pela rede de símbolos, psicoafetividades, crenças, hábitos e gostos que inaugura. A cultura do ouvir, enquanto processo permanente, como destaca Menezes (2017), incentiva a consciência dessa teia de vínculos e atenta para a potencialidade dos vínculos sonoros, presentes ao nosso redor; estimula-nos em direção à perspectiva da participação e do protagonismo de dois ou mais corpos na comunicação; revela-se, enfim, como noção diametralmente oposta à da reação dos indivíduos em meio à ação unilateral e direta do processo comunicacional; contrapõe-se, assim, ao fluxo comunicacional “de um para o outro” ao estudar o “um com o outro”. Noções que, no nosso entendimento, o programa *Mamilos* contempla.

Nesse sentido também podemos considerar a contribuição do estudo dos vínculos comunicativos para um alargamento da compreensão sobre os meios de comunicação, entendendo-os como espaços (físicos ou simbólicos) nos quais essa rede de vinculação deve operar numa escala socialmente maior do que a da comunicação interpessoal, e refletindo sobre se esses meios têm ou não, de fato, desempenhado esse papel, ou se se tornaram meros espaços funcionais por onde transitam informações assépticas e vazias de sentido, apenas quantitativas e mercadologicamente consideradas (CONTRERA in MARCONDES FILHO, 2009, p. 458-459).

As palavras de Malena Contrera sublinham as contribuições do estudo dos vínculos comunicativos para a reflexão crítica sobre comunicação — é necessário considerar, avaliar e compreender os meios de comunicação desde a rede afetiva instaurada em ambientes que pressupõem o diálogo entre diversos, movimento perseguido em cada página desse trabalho. Assim, parece-nos que o programa *Mamilos* é merecedor de destaque ao permitir a construção de uma atmosfera vinculadora, original, rara e que considera a vasta gama de atores sociais envolvidos no seu processo. Um legítimo “espaço de encontros”.

O homem, por natureza, não é biologia, um corpo e um cérebro a que bastasse acrescentar uma pincelada de cultura, de palavra e de alma para fazer brotar a condição humana. O homem é, por natureza, um ser de cultura. E isto não é uma pirueta.

Boris Cyrulnik

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Foram dois anos de escuta atenta, reflexões profundas e muito aprendizado no ambiente comunicacional do podcast *Mamilos*. Entendemos que a imersão aqui compartilhada legitima dizer, a partir da atmosfera sonora do programa, que *Mamilos* é um exemplo de produto essencialmente sonoro capaz de fortalecer a cultura do ouvir e resistir ao vazio deixado pelo enfraquecimento das relações profundas entre os seres humanos, bem como reforçar a subjetividade, a noção de indivíduo e de sociedade. *Mamilos* nos parece um bom exemplo de conteúdo que propõe novas práticas de empatia, atribuindo-lhes sentidos inauditos, a partir da metáfora de rede aqui encampada.

O grau vinculador que *Mamilos* alcança, edição a edição, oferece àquele que ouve o amparo, o suporte e o acolhimento necessários para que a audiência se sinta impelida a participar. Se considerarmos que o vínculo nos é constitutivo, central e basilar — alimentar, cuidar e proteger —, devemos assumi-lo como condição de sanidade, de lucidez e de garantia de um enredamento que nos gere o sentimento de pertença. Entendemos que a esfera midiática pode criar ambientes imaginários menos ou mais inclusivos, menos ou mais confortáveis, menos ou mais acolhedores, menos ou mais democráticos. Levada em conta a centralidade do vínculo para a comunicação (BAITELLO, 1997), a dimensão emocional e vinculadora dos processos comunicativos é determinante para a reflexão sobre a maneira através da qual o espaço midiático tem entendido, endossado e mirado as práticas vinculares. Uma comunicação menos centrada nas meras trocas informativas, nas relações meramente comerciais e instrumentais. Uma comunicação, finalmente, mais assentada nas negociações de sentido e nas aptidões sensoriais desejosas em uma dinâmica comunicacional profunda, regenerativa, verdadeira troca de emoções e perspectivas.

Compreendemos, ao longo dos três capítulos, o modo como os vínculos se reforçam e se potencializam por meio do corpo, dos sons e dos estímulos sonoros gerados por conteúdos dessa natureza. Quer dizer que, mesmo vivendo na cultura da imagem, reconhecemos a importância da cultura do ouvir e o seu papel central para um novo despertar da parte adormecida da natureza humana mais profunda. Ressaltamos uma perspectiva que reconhece o amplo leque de sensorialidade humana e, a partir de *Mamilos* e do podcasting, fenômeno sobre o qual essa pesquisa se debruçou, reforçamos a importância da escuta atenta, profunda e dedicada. Como pudemos pincelar aqui, os cenários e as construções oferecidos pelo programa não estão dados, mas, em vez disso, são provocados a surgir na cabeça dos

ouvintes, por meio do som, na criação imagens mentais, praticamente endógenas. Aliás, diga-se, é claro que essa pesquisa não tem a pretensão de substituir o ato da escuta. A escuta, e só ela, é imprescindível para uma compreensão mais profunda acerca do que seja o podcast *Mamilos*.

Notamos, entretanto, a partir de critérios revelados pelas apresentadoras, que o conteúdo sonoro oferecido pelo programa se preocupava com vozes legitimadas, autorizadas e embasadas, também, sem excluir a democratização das vozes, por meio da participação de personagens diversos que humanizavam as abordagens. Percebe-se, assim, especial atenção para com os vínculos entre as pessoas aglutinadas no recorte de audiência e metidas dentro de um trânsito polifônico e polissêmico. Em nossa leitura, se altruísmo, complementariedade, tolerância e reconciliação são valores centrais para a proposta editorial do programa, são, também, premissas da cultura e da democracia — as quais encontram na produção de conteúdo sonoro *Mamilos* um local de expressão. A oralidade, as vozes, os recursos sonoplásticos apresentados no capítulo um são elementos compartilhados com energia pelas apresentadoras — o que nos faz presumir a autoconsciência de que o som envolve todo o corpo e, ao fazê-lo, pode preencher o ser humano, poroso que é, como nos ensina Cyrulnik. O som tem o potencial para complementar, vibrar e estimular o corpo. Reverberar nele e com ele e, assim, viabilizar, despertar e edificar o pertencimento (CYRULNIK, 1997).

Mamilos parece, de fato, revelar-se como um espaço de resistência que se contrapõe às violências de nível discursivo, simbólico ou semântico, consciente de sua responsabilidade nos processos comunicacionais. Juliana Wallauer, a esse respeito, reafirma o compromisso ético do programa num tempo em que as pessoas estão cada vez mais intolerantes, sentindo-se agredidas pela opinião dos outros. Ela entende, junto a Cris Bartis, que quanto maior for o movimento de polarização, mais necessário será o trabalho de *Mamilos* para garantir um ambiente plural, onde possa haver o livre deslocamento de ideias distintas, um espaço de troca. Juliana acredita ser essa uma das premissas da democracia e da vida em sociedade: duas pessoas que pensam diferente sobre um mesmo assunto devem poder conversar, ouvir uma a outra, expandir seus universos. A apresentadora reforça o papel de resistência exercido por *Mamilos* nesse contexto, algo que não se confunde com ativismo, mas que é a construção desse espaço de encontro, esse lugar onde pessoas muito diferentes sentem-se seguras para estarem juntas, para compartilharem. Trata-se de um dos principais diferenciais do programa:

Tem algumas coisas que são diferenciais no *Mamilos*. A primeira delas é respeito que temos pela audiência. Quando a gente pede uma hora e meia do tempo dos ouvintes, todo mundo sabe que a gente pelo menos colocou 10 ou

15 horas nessa produção. Produção, produção de pauta, gravação, edição. É uma troca: você me dá uma hora do seu tempo eu dou 15 horas do meu, pelo menos. A gente chama isso de respeito. Outro diferencial é uma abordagem não inflamatória, a gente se preocupa em como vai deixar as pessoas depois de elas ouvirem o programa. Acho que o *Mamilos* é diferente porque ele tem uma conexão que transforma, porque nós não somos especialistas, e porque a gente não se coloca como a resposta definitiva para nenhuma dessas polêmicas, mas a gente se coloca como curiosos que vão partir numa jornada exploratória e convidamos os ouvintes para participarem disso. É mais transparente o processo (WALLAUER, 2019).

E talvez essa transparência possa ajudar a compreender como o programa potencialmente transcende a conexão técnica por meio da qual chega ao ouvinte e consegue cativá-lo, deixando-o profundamente imerso naquele ambiente sonoro. A escuta atenta ao programa identifica o que as apresentadoras sentiam antes, durante e depois do episódio. Dialoga-se, inclusive, metalinguisticamente, quando *Mamilos* se predispõe a falar sobre si mesmo, compartilhando com o ouvinte a preparação da pauta, as dificuldades da realização daquela edição, as alterações de curso enfrentadas pela equipe editorial. Conforme chegam as mensagens da audiência, as contribuições dos ouvintes, Juliana, Cris, convidados, outros ouvintes têm a oportunidade de mudar de ideia, de ponderar, de reconsiderar, de pensar outra vez. Em *Mamilos*, o ouvinte pode participar dos bastidores, convidado a acompanhar a jornada a partir da qual o programa toma forma. “Acho que cria conexão profunda porque a gente está ali, as nossas opiniões, os nossos sentimentos, as nossas dúvidas, porque tá tudo ali a gente tem conexão profunda porque o que a gente fala importa, o que a gente fala transforma” (WALLAUER, 2019).

Eu não acho que a gente está buscando uma verdade, nem acho que essa é a nossa missão. O que a gente é, desde o início e está muito claro em tudo que a gente faz e em nossa declaração de valores, é a ideia de construir pontes, mais do que provar pontos, de verdade. Provocar encontros, humanizar quem pensa diferente da gente, encontrar a humanidade que permite que a gente tenha uma convivência mínima, que a gente tenha respeito, que a gente tenha empatia, que seja possível o debate e o diálogo, ainda que haja muita discordância. A gente percebe que a polarização faz com que o espectro de opiniões diminua cada vez mais, então nossa tolerância está sendo ameaçada. Se a tendência é de fechar esse cerco, de diminuir esse espaço de encontro, o nosso trabalho, toda semana, é de expandir isso, sempre um trabalho árduo de aumentar o que é o tolerável, aceitável, em termos de divergência; como a gente consegue conviver e divergir com respeito (WALLAUER, 2019).

Norteados por uma perspectiva de comunicação dialógica, *Mamilos* encampa uma atmosfera vinculadora, cuja relevância e força talvez residam na capacidade que o programa tem de se contrapor ao que Boris Cyrulnik identificou com a aflição disparada pelo avanço da

tecnologia digital e da conexão técnica: “então começa a tragédia, pois uma tal vitória da inteligência desafetiva o mundo” (CYRULNIK, 1999, p.264). *Mamilos* é a proposta de “afetivar” mundos frequentemente “desafetivados”.

REFERÊNCIAS

BAITELLO Jr., Norval. **A era da iconofagia**. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO Jr., Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BAITELLO, Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008. p. 95-112.

CARDOSO, Marcelo. O Corpo e o lúdico: caminhos para o rádio informativo criar vínculos com o ouvinte. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 07, n. 02, pp. 75-94, jul./dez. 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 30ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 729-730, 2017.

CONTRERA, Malena. **Vínculos**. Palestra proferida no Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir em 9 nov. 2017. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017.

CONTRERA, Malena S. Resiliência. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

CONTRERA, Malena S. Vínculo Comunicativo. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

CONTRERA, Malena Segura. Emoção e imaginação. Diferentes vínculos, diferentes imaginários. **Ghrebh- Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, São Paulo, n.18, 2012. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2018/017_contrera.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2019.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, v. 9, n. 02, p. 48-68, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/1394>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido**. O homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

FERRARETTO, Luiz Artur. **No ar: Rádio: o Veículo, a História e a Técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A ‘geração podcasting’ e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista Famecos**, n. 37., dez, p. 101-106, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Manuad X, 2016.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. **Líbero**, ano XI, n. 21, p. 111-118, 2008.

MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. In: MENEZES, J. E. e CARDOSO, M. **Comunicação e cultura do ouvir**. São Paulo: Ed. Plêiade, 2012.

MENEZES, José Eugenio de O. **Cultura do Ouvir e Ecologia da comunicação**. São Paulo: UNI Editora, 2016.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. Cultura do Ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. **Líbero**, ano XI, n. 21, Jun/2008. Págs 111 a 118.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Epistemologia da Complexidade**. Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade, Porto Alegre, 1996.

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem**. Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade, Porto Alegre, 1996.

PRIMO, Alex. **Industrialização da amizade e a economia do curtir estratégias de monetização em sites de redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALEMME, M. Filomena. **As transformações na escuta radiofônica: o protagonismo do ouvinte na geração de conteúdo**. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: Oralidade Mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Volume 1 - Porque as notícias são como são**. Porto Alegre: Editora Insular, 2005.

VICENTE, Eduardo. Do rádio terrestre ao podcast: uma nova prática de produção e consumo de áudio. **Anais da Compós**. Disponível em: <

http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_5U524AASCK6777ZKAF_XV_27_6695_25_02_2018_16_09_06.pdf> . Acesso em: 10 jul. 2018.

WULF, Christoph; BORSARI, Andrea (Orgs.). **Cosmo, corpo, cultura**. Enciclopedia Antropologica. Milano: Bruno Mondadori, 2002.

WULF, Christoph. O ouvido. **Revista Ghrebh-**, n. 9, p. 56-57, 2007. Disponível em: <http://cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%209/07_wulf.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

APÊNDICE A — MAPEAMENTO TEMÁTICO: PODCAST MAMILOS

MAMILOS 1 – BUNDAS, TRAIÇÕES, COMPLEXO DE DEUS E COMETA

MAMILOS 2 – PRECISAMOS FALAR SOBRE ABORTO, UBER, LOLLAPALOOZA

MAMILOS 3 – DROGAS, CRUZEIRO, ORNITORRINCO E

MAMILOS 4 – GUARDA COMPARTILHADA, TRETA, STAR WARS, CHAVES E AGENDA BLACK

MAMILOS 5 – DESAFIOS DA DEMOCRACIA, O INOMINÁVEL, SECA, PITY X ANITTA

MAMILOS 6 – PIRATARIA, SEQUESTRO EM SIDNEY, CUBA X EUA E FLOOD NO MARKITO

MAMILOS 7 – ATENTADO AO CHARLIE, PASSE LIVRE, CESÁREA X PARTO NORMAL, POSSE DA DILMA E HIGHSEXUAL

MAMILOS 8 – LIBERDADE DE EXPRESSÃO, GLOBO DE OURO E ATAQUE NA

MAMILOS 9 – PENA DE MORTE, SEXO, CRISE HÍDRICA E CONCENTRAÇÃO DE RENDA

MAMILOS 10 – A BOA MORTE, ROMBO NA PETROBRÁS, REALITYS BIZARROS E SECA

MAMILOS 11 – PARTO, DOPPING, MISOGINIA E A BUNDA QUE REALMENTE QUEBROU A INTERNET

MAMILOS 12 – VIOLÊNCIA POLICIAL, BANCADA CONSERVADORA, LEA T E MAIS UM GOL DE ROMÁRIO

MAMILOS 13 – 50 TONS DE CINZA, DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA, IMPEACHMENT E DESFILE PATROCINADO POR DITADOR

MAMILOS 14 – GREVE DOS CAMINHONEIROS, SWISS LEAKS, OSCAR E JUIZ FOLGADO

MAMILOS 15 – FEMINISMO, GLASS LION, GLADIADORES DO ALTAR E VAZAMENTOS

MAMILOS 16 – PROTESTOS, OBAMA EM SELMA, TORO LOCO E PETERSON

MAMILOS 17 – SINDROME DE DOWN E INCLUSÃO, ACHACADORES, BATGIRL

MAMILOS 18 – COTAS RACIAIS, ESMALTE DA DISCÓRDIA, LEGALIZAÇÃO DO ABORTO E ESCOLA DO FUTURO

MAMILOS 19 – REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL, LEILA DINIZ, RACISMO E CORRENTE DO BEM

MAMILOS 20 – EDUCAÇÃO, TERCEIRIZAÇÃO, SELFIE DE PROSTITUTA, REVENGE PORN

MAMILOS 21 – NUDEZ, HILLARY CLINTON, PADRE CONTRA A HOMOFOBIA E DUBSMASH

MAMILOS 22 – IMIGRAÇÃO, FUNDO PARTIDÁRIO, ROBÔS E PREFEITA POLÊMICA

MAMILOS 23 – MÃES SEM DORIANA, BARBÁRIE NO PR, VIÚVA NEGRA E BALTIMORE

MAMILOS 24 – TRANSGÊNICOS, TOREN, BOKO HARAM, BEBÊ REAL

MAMILOS 25 – JORNALISMO, FACHIN, IGUALDADE SALARIAL E O LADO NEGRO DA INTERNET

MAMILOS 26 – O FEMINISMO DE MAD MAX, MAGNUM, GOT E PODCASTS NO SPOTIFY

MAMILOS 27 – REFORMA POLÍTICA E SÓ

MAMILOS 28 – ESCÂNDALOS NA FIFA, FIM DA MUTILAÇÃO NA NIGERIA, MAMILOS POLÊMICOS E RECESSÃO

MAMILOS 29 – RAÇA, RELIGIÃO, IDADE, DEFICIÊNCIA, ORIENTAÇÃO SEXUAL: AMORES ACIMA DE QUALQUER POLÊMICA

MAMILOS 30 – DESIGUALDADE SOCIAL, PCC, UMBANDOFOBIA E MULHER MARAVILHA

MAMILOS 31 – MANDA NUDES, BOECHAT, TAYLOR SWIFT E FATOR PREVIDENCIÁRIO

MAMILOS 32 – MOBILIDADE URBANA, REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL, CALOTE GREGO, CELEBRATE GAY PRIDE

MAMILOS 33 – É CRISE?; TÁXI VS. UBER

MAMILOS 34 – GÊNERO NA ESCOLA; STF E A MACONHA; ALPHABET

MAMILOS 35 – É SÓ TRAGÉDIA: CHIFRE, CHACINA E MANIFESTAÇÕES

MAMILO 36 - EFEITO PATERNIDADE

MAMILOS 37 – REFUGIADOS, DÉFICIT FISCAL E CULTURA ACESSÍVEL

**MAMILOS 38 – KEYNOTE APPLE, SOTAQUE DA DISCÓRDIA E IURD
CONDENADA**

MAMILOS 39 – LEGALIZE, CHARLIE E PACOTÃO

MAMILOS 40 – JUSTICEIROS E VIOLA DAVIS

MAMILOS 41 – VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA INTERNET

MAMILOS 42 – MORDAÇA, TPP E CONTAS REPROVADAS

**MAMILOS 43 – PLAYBOY SEM NUDES, REESTRUTURAÇÃO DE ESCOLAS E
BEBÊ ABANDONADO**

MAMILOS 44 – STAR WARS, SIGILOS E PREFEITO HERÓI

MAMILOS 45 – ENEM, RANKING DA MORTE E MAU HUMOR CORPORATIVO

MAMILOS 46 – BNDES, PAPINHAS E AMIZADE

MAMILOS 47 – EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

MAMILOS 48 – UM GOSTO AMARGO NO RIO DOCE

MAMILOS 49 – RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

MAMILOS 50 – CHACINA, OCUPAÇÃO NAS ESCOLAS E IMPEACHMENT

**MAMILOS 51 – #SERAQUEÉRACISMO, CARTA DE TEMER E PÂNICO BANIDO
DA CCXP**

MAMILOS 52 – CUNHA, ACORDO DE PARIS, NATAL

MAMILOS 53 – MERITOCRACIA, A ARISTOCRACIA DOS TALENTOS

MAMILOS 54 - ZIKA VÍRUS E MICROCEFALIA

MAMILOS 55 – MUDANÇAS NO ICMS, SAG AWARDS E CARNAVAL

MAMILOS 56 – FANTASIAS & CONTEXTOS, INTERNET.ORG

MAMILOS 57 – ONDAS GRAVITACIONAIS, CARTA ABERTA AO BRASIL E ELEIÇÕES AMERICANAS

MAMILOS 58 – ACESSIBILIDADE

MAMILOS 59 – SUPER TUESDAY E MONÓLOGO DO OSCAR

MAMILOS 60 – OPERAÇÃO LAVA JATO

MAMILOS 61 – LIBERTAÇÃO ANIMAL E LICENÇA PATERNIDADE

MAMILOS 62 – OBAMA EM CUBA, ATENTADO EM BRUXELAS, CACO INFELIZ

MAMILOS 63 – SURTO DE H1N1, TAY E FINANCIAMENTO DE CAMPANHA

MAMILOS 64 – GASLIGHTING E PANAMÁ PAPERS

MAMILOS 65 – INTERNET LIVRE E VOTAÇÃO DE IMPEACHMENT

MAMILOS 66 – VOTAÇÃO E AMEAÇA TERRORISTA

MAMILOS 67 – PROFISSÃO DE FÉ

MAMILOS 68 – RAFAEL BRAGA E HOMOFOBIA NO FUTEBOL

MAMILOS 69 – CONVERSA SOBRE PORNÔ NO BANHEIRO FEMININO

MAMILOS 70 – ADOÇÃO

MAMILOS 71 – CULTURA DO ESTUPRO

MAMILOS 72 – MUHAMMAD ALI E TRABALHO ESCRAVO

MAMILOS 73 – ATENTADO EM ORLANDO E AMOR ROMÂNTICO

MAMILOS 74 – RIO EM CALAMIDADE, MASSACRE INDÍGENA E TITE NA SELEÇÃO

MAMILOS 75 – DEPRESSÃO

MAMILOS 76 – BANIMENTO DO WHATSAPP E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

MAMILOS 77 – OLIMPÍADA: ABERTURA, DOPPING E RAFAELA SILVA

MAMILOS 78 – LEI MARIA DA PENHA E DERROTAS

MAMILOS EXTRA – ENTREVISTA COM RICO DALASAM

MAMILOS 79 – FUTEBOL FEMININO, BURKINI E SUCESSO

MAMILOS 80 – GUERRA NA SÍRIA

MAMILOS 81 – MANIFESTAÇÕES E ANTIBIÓTICOS

MAMILOS 82 – SUICÍDIO

MAMILOS 83 – FILHOS E PAZ MUNDIAL

MAMILOS 84 – ELEIÇÕES 2016

MAMILOS 85 – COLÔMBIA, SUS E SEPARATISMO

MAMILOS 86 – DIVÓRCIO

MAMILOS 87 – EFEITO ESTUFA, NOBEL DE BOB DYLAN E BOATOS

MAMILOS 88 – PEC241

MAMILOS 89 – TRUMP, E AGORA?

MAMILOS 90 – ANIVERSÁRIO, OCUPAÇÃO NAS ESCOLAS E PRISÕES NO RIO DE JANEIRO

MAMILOS 91 – ARGENTINA, PAPA E O ABORTO, CHIKUNGUNYA

MAMILOS 92 – CONSCIÊNCIA NEGRA • PARTE 1

MAMILOS 93 – CONSCIÊNCIA NEGRA • PARTE 2

MAMILOS 94 – NATAL E RESOLUÇÕES DE ANO NOVO

MAMILOS 95 – RETROSPECTIVA 2016

MAMILOS 96 – WESTWORLD: A JORNADA DA CONSCIÊNCIA

MAMILOS 97 – CRACK, PIXO E A CIDADE

MAMILOS 98 – ECONOMIA 2017 E CENSURA

MAMILOS 99 – BEBA COM MODERAÇÃO E POSTE COM CONSCIÊNCIA

MAMILOS 100 – SISTEMA PRISIONAL • PARTE 1

MAMILOS 101 – SISTEMA PRISIONAL • PARTE 2

MAMILOS 102 – EMPATIA E POPULAÇÃO DE RUA

MAMILOS 103 – REFORMA DA PREVIDÊNCIA

MAMILOS 104 – SÍRIA, TORCIDAS ORGANIZADAS E BBB

MAMILOS 105 – RIP EGO E AMOR

MAMILOS 106 – REMÉDIO PARA QUÊ?

MAMILOS 107 – REFORMA TRABALHISTA

MAMILOS 108 – O FUTURO DO TRABALHO

MAMILOS 109 – SISTEMA POLÍTICO EM XEQUE

MAMILOS 110 – MULHERES, DINHEIRO E INDEPENDÊNCIA

MAMILOS 111 – INTERNAÇÕES INVOLUNTÁRIAS: PROBLEMA OU SOLUÇÃO?

MAMILOS 112 – TRÊS É DEMAIS?

MAMILOS 113 – CIDADANIA 2.0

MAMILOS 114 – MARKETING DE CAUSA

MAMILOS 115 – VENEZUELA EM CONVULSÃO

MAMILOS 116 – DISTRITÃO E FUNDO PARTIDÁRIO

MAMILOS 117 – O PARADOXO DA TOLERÂNCIA

MAMILOS 118 – AUTISMO

MAMILOS 119 – REDES SOCIAIS: GUIA DE SOBREVIVÊNCIA

MAMILOS 120 – ARTE PARA QUE?

MAMILOS 121 – THE HANDMAID’S TALE

MAMILOS 122 – FUTUROS POSSÍVEIS: MICROREVOLUÇÕES

MAMILOS 123 – PEDOFILIA

MAMILOS 124 – A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

MAMILOS 125 – CÂNCER: SOBRE VIDA

MAMILOS 126 – BULLYING

MAMILOS 127 – FINTECHS

MAMILOS 128 – ESPECIAL 3 ANOS

MAMILOS 129 – CONTROLE DE ARMAS

MAMILOS 130 – AIDS, NOVA GERAÇÃO

MAMILOS 131 – BURNOUT

MAMILOS 132 – O BOM NATAL

MAMILOS 133 – NÔMADES DIGITAIS

MAMILOS 134 – CARNAVAL POR QUÊ?

MAMILOS 135 – GORDOFOBIA

MAMILOS 136 – INTERVENÇÃO NO RIO DE JANEIRO

MAMILOS 137 – PAGAMOS IMPOSTOS DEMAIS?

MAMILOS 138 – BELEZA PARA QUEM?

MAMILOS 139 – FAKE NEWS

MAMILOS 140 – DIREITOS HUMANOS

MAMILOS 141 – QUEM QUER PRIVACIDADE?

MAMILOS 142 – POLITIZAÇÃO DO JUDICIÁRIO

MAMILOS 143 – AQUECIMENTO GLOBAL

MAMILOS 144 – FUTUROS POSSÍVEIS: SAÍDA: DIREITA OU ESQUERDA?

MAMILOS 145 – MASCULINIDADE E SENTIMENTOS

MAMILOS 146 – CRISE HABITACIONAL

MAMILOS 147 – MÃES E TABUS

MAMILOS 148 – ESCOLA SEM PARTIDO

MAMILOS 149 – DESEMPREGO – CRISE EM EBULIÇÃO

MAMILOS 150 – UM CAMINHÃO DE PROBLEMAS

MAMILOS 151 - TODAS AS LETRAS DO ARCO-ÍRIS – PARTE 1

MAMILOS 152 – SEXOTERAPIA

MAMILOS 153: TODAS AS LETRAS DO ARCO-ÍRIS

MAMILOS 154: VOCÊ NÃO É SEU TRABALHO

MAMILOS 155 - PRECISAMOS FALAR SOBRE ABORTO

MAMILOS 156 – ABORTO

MAMILOS 157 – PESQUISA CIENTÍFICA NO BRASIL

MAMILOS 158 - COMO NÃO FALIR SEU CASAMENTO

MAMILOS 159 - RIO DOCE - DA LAMA AO CAOS

MAMILOS 160 - RIO DOCE - UM OLHAR PARA O FUTURO

MAMILOS 161 - VACINA E IMUNIDADE COLETIVA

MAMILOS 162 - FUTUROS POSSÍVEIS: AS POTÊNCIAS DO AGRESTE

MAMILOS 163 - SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

MAMILOS 164 - OS DESAFIOS DA DEMOCRACIA

MAMILOS 165 - QUEM É O ELEITOR BRASILEIRO

MAMILOS 166 - ESSA TAL FELICIDADE

MAMILOS 167 - VENCENDO O CÂNCER DE MAMA

MAMILOS 168 - QUEM É O ELEITOR BRASILEIRO - PARTE 2

MAMILOS 169 - INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

MAMILOS 170 - VOU PASSAR CEROL NA MÃO

MAMILOS 171 - ENSINO À DISTÂNCIA

MAMILOS 172 - SUS E SAÚDE PÚBLICA

MAMILOS 173 - EU NÃO SOU RACISTA

MAMILOS 174 - COMO VENCER A MISÉRIA?

MAMILOS 175 - LIBERTE SEU CORPO

MAMILOS 176 - PERDOAR PRA QUÊ?

MAMILOS 177 - RETROSPECTIVA 2018

MAMILOS 178 - JORNALISMO

MAMILOS 179 - A BOA MORTE

MAMILOS 180 - GUERRA ÀS DROGAS

MAMILOS 181 - RELACIONAMENTO ABUSIVO

MAMILOS 182 - ADOÇÃO

MAMILOS 183 - O GOVERNO DO MITO

MAMILOS 184 - PACOTE ANTICRIME

MAMILOS 185 - A NOVA TRADICIONAL FAMÍLIA BRASILEIRA

MAMILOS 186 - PAQUERA OU ASSÉDIO?

MAMILOS 187 - VOLTANDO À VENEZUELA

MAMILOS 188 - A PORNOGRAFIA É VILÃ?

MAMILOS 189 - ANATOMIA DE UM MASSACRE

MAMILOS 190 - DEPOIS DO PARTO: HISTÓRIAS E REFLEXÕES

MAMILOS 191 - O AVESSO DA JORNADA DO HERÓI

MAMILOS 192 - CAMINHOS PARA ALÉM DO MEDO

MAMILOS 193 - VIDA DE MÚSICA

MAMILOS 194 - FALTA DE EDUCAÇÃO

MAMILOS 195 - É IMPOSSÍVEL SER FELIZ SOZINHO?

MAMILOS 196 - MATERNIDADE E CARREIRA

MAMILOS 197 - MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA SUA VIDA

MAMILOS 198 - JORNALISMO NOS TEMPOS DE CÓLERA

MAMILOS 199 - FUTURO DO TRABALHO

MAMILOS 200 - A VOZ DO POVO NAS RUAS